



PRACINHA DO DIÁRIO

Exercício de paisagem para um
espaço público pulsante na
história do Recife

Thais Santos Costa
Orientação: Ana Rita Sá Carneiro

Trabalho de Conclusão de Curso
2022.1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

THAIS SANTOS COSTA

PRACINHA DO DIÁRIO: EXERCÍCIO DE PAISAGEM PARA UM ESPAÇO PÚBLICO PULSANTE NA HISTÓRIA DO RECIFE

TCC apresentado ao Curso de
Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Pernambuco,
Centro de Artes e Comunicação, como
requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Ana Rita Sá Carneiro Ribeiro

RECIFE

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Costa, Thais Santos.

Pracinha do Diário: Exercício de paisagem para um espaço público pulsante
na história do Recife / Thais Santos Costa. - Recife, 2022.

119 p. : il., tab.

Orientador(a): Ana Rita Sá Carneiro Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -
Bacharelado, 2022.

Inclui referências, apêndices.

1. espaço público. 2. paisagem. 3. história urbana. 4. paisagismo. 5. Recife. I.
Ribeiro, Ana Rita Sá Carneiro. (Orientação). II. Título.

710 CDD (22.ed.)

THAIS SANTOS COSTA

PRACINHA DO DIÁRIO: Exercício de paisagem para um espaço público pulsante na história do Recife

Ao 13º (décimo terceiro) dia do mês de outubro do ano de 2022, realizou-se a sessão pública online de apresentação e arguição do Trabalho de Curso intitulado "Pracinha do Diário: Exercício de paisagem para um espaço público pulsante na história do Recife", de autoria do(a) aluno(a) THAÍS SANTOS COSTA. O Comitê de Avaliação, indicado pelo Comitê do Trabalho de Curso, foi composto pelos presentes membros: Prof. Ana Rita Sá Carneiro, presidente e orientador(a) do trabalho, Prof. Juliana Melo Pereira e Prof. Luiz Góes Vieira Filho, Arquitetos(as) e Urbanistas do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco e o(a) Arquiteto(a) e Urbanista Milena Torres, como componente externo à Instituição. Após a apresentação e arguição, em sessão secreta, o Comitê atribuiu as seguintes notas ao(a) candidato (a): ____ (), ____ (____), ____ (____), ficando o(a) aluno(a) com a média final ____ (____), sendo considerado(a) Aprovada. Para constar foi lavrada a presente ata, assinada pelo(a) aluno(a), pelos membros do Comitê de Avaliação e representante do Comitê de TC – Trabalho de Curso.

Aprovado em: 13/10/2022.

BANCA EXAMINADORA

Banca realizada por videoconferência

Profº. Dr. Ana Rita Sá Carneiro (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Banca realizada por videoconferência

Profº. Dr. Juliana Melo Pereira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Banca realizada por videoconferência

Profº. Luiz Goes Vieira Filho (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Banca realizada por videoconferência

Msa. Milena Torres de Melo Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Para Terezinha, que me mostrou a possibilidade de fazer frutificar as coisas às quais dedicamos amor.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que me deram a oportunidade de me dedicar aos estudos, me ensinaram a importância do compromisso e me mostraram a dura, porém enriquecedora, realidade da vida. Com vocês aprendi a acreditar na minha felicidade e fazer dela meu objetivo constante de vida. À minha família, em especial minha irmã Thamires, que segurou as minhas pontas quando precisei soltá-las, e minhas tias Elenice e Aline, por terem acompanhado e acreditado na minha trajetória até aqui, se fazendo a todo tempo presentes apesar da distância. Vocês foram colo quente e carinhoso sempre que precisei.

À minha orientadora, Ana Rita, mulher arquiteta, professora e grande pesquisadora, que desde a iniciação científica me forneceu as ferramentas necessárias e me mostrou os caminhos possíveis, confiando em mim para que eu mesma escolhesse meu trajeto. Aos colegas do Laboratório da Paisagem, em especial à Wilson, o pesquisador e artista no qual me inspiro e que me viu iniciar essa jornada, se tornando um grande amigo com o passar do tempo. Meu amigo jardineiro, estaremos sempre juntos! Às professoras Lúcia, Mirela e Onilda, outras mulheres arquitetas, professoras dedicadas e competentes que, junto com Ana e Joelmir, me incentivaram a trabalhar duro sem deixar de lado a alegria e parceria. Vocês são minha inspiração diária.

Ao professor Joelmir, que enxergou, antes de mim, meu amor pela pesquisa. Serei sempre grata pelas oportunidades e pelas possibilidades da pesquisa e da profissão que me mostrastes. Uma das minhas maiores referências de professor e pesquisador competente e comprometido, se tornou um grande amigo, que me deu apoio e me incentivou a acreditar que a tempestade passaria... Hoje, em dias ensolarados, tenho certeza da sua grande contribuição, me ouvindo, aconselhando e ajudando. Seus abraços fortes foram um porto seguro essencial.

Aos amigos que fiz no curso, em especial Lysandra, Lucas, Ana e Ricardo, Malu e Antônio, e Maria Paula. Tê-los do meu lado dividindo trabalhos, conversas, noites em claro, cervejas geladas, conselhos, desabafos e DR's tornaram as coisas boas possíveis e as ruins mais leves. Tem um pouco de cada um de você nesse trabalho. Vocês me lembraram de ser valente. Aos amigos de longa data, em especial Izabella, Geovanna e Bruna, irmãs que escolhi para dividir as alegrias e com as quais pude contar quando precisei. Vocês foram pacientes com minha ausência ao longo do curso, mas se fizeram sempre presentes. Com vocês quero dividir a alegria de concluir essa etapa.

À Ana e Hélio, profissionais exemplares, que me ensinaram muito do que sei sobre a vida profissional e a todos que passaram pela minha vida contribuindo de alguma forma com a arquiteta que se construiu nesses cinco anos, muito obrigada!

A pracinha. Era o seu nome vulgar, mixto de pejorativo e de carinhoso. Acanhada e típica. De um lado e outro grupos de lojinhas que investiam umas para as outras como duas filas de dançarinos numa quadrilha, num '*en avant tout*', em que os partes extremos se destacassem dos demais. [...] Em frente a essas lojinhas, durante o dia e nas primeiras horas da noite estendiam-se vendedores de bolos, de midobins, de cangicas, de geladas. [...] (SETTE, 1981, p. 198)

RESUMO

A Praça da Independência, localizada no Bairro de Santo Antônio, no Recife, é também conhecida como Pracinha do Diário, pela sua relação direta com o edifício do Diário de Pernambuco, jornal mais antigo em circulação na América Latina que foi instalado na Praça em 1901. A origem da Pracinha enquanto espaço público remonta à ocupação holandesa, em meados do século XVII, quando a '*Grote Markt*' – Terreiro dos Coqueiros, era o centro da *Mauritsstad*. A Praça passou por algumas intervenções ao longo do tempo e continua sendo um espaço público de conexão que movimenta a dinâmica do bairro. Apesar disso, atualmente se configura como um local de passagem que não convida à permanência e à descoberta dos seus atributos desvalorizando sua função enquanto testemunha material da história e da cultura da cidade do Recife. Foram tais motivos que direcionaram a vontade de investigar a história da Pracinha do Diário, exercitando a paisagem desse espaço público para sua requalificação. Para isso, foi necessário analisar as modificações ocorridas no traçado urbano do entorno da Pracinha, relacionando-o às conexões, edifícios-marco associados aos espaços livres públicos e introdução da vegetação nos séculos XVII, XIX e XX, identificar as diferentes funções da Pracinha ao longo da história do Recife e entender a perspectiva de uso e ocupação da área. Por fim, aponta-se um tratamento urbano-paisagístico adequado aos usos da Praça para apoiar diretrizes para uma futura requalificação que façam emergir a importância histórica desse espaço para população.

Palavras-chave: espaço público; paisagem; história urbana; paisagismo; Recife.

ABSTRACT

The Praça da Independência, located in Recife's Santo Antônio neighborhood, is also known as Pracinha do Diário (Diary Square) for its direct relationship with the building of the Diário de Pernambuco, the oldest newspaper in circulation in Latin America that was installed in the square in 1901. The origin of the Pracinha as a public space goes back to the Dutch occupation, in the middle of the 17th century, when the 'Grote Markt' - Terreiro dos Coqueiros, was the center of Mauritsstad. The square has undergone some interventions over time and continues to be a public space of connection that moves the dynamics of the neighborhood. Despite this, it is currently configured as a place of passage that does not invite to stay and discover its attributes, devaluing its function as a material witness of the history and culture of the city of Recife. It was these reasons that directed the will to investigate the history of the Pracinha do Diário, exercising the landscape of this public space for its requalification. To this end, it was necessary to analyze the modifications in the urban path of the Pracinha, relating it to connections, landmark buildings associated with public open spaces and the introduction of vegetation in the 17th, 19th and 20th centuries, to identify the different functions of the Pracinha throughout the history of Recife and to understand the perspective of use and occupation of the area. Finally, an urban-landscape treatment appropriate to the uses of the square is indicated to support guidelines for a future requalification that bring out the historical importance of this space for the population.

Keywords: public spaces; landscape; urban history; landscape design, Recife.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. Do Terreiro dos Coqueiros à Praça da Independência: a formação de um espaço público central do Recife	16
a. A paisagem da Capitania de Pernambuco no século XVI	17
b. A urbanização holandesa na morfologia do Recife	18
c. Da capitania de Pernambuco ao Recife-cidade: a expansão do tecido urbano no século XVIII	22
d. A prosperidade econômica do século XIX e o protagonismo dos espaços públicos na vida cidadina	29
2. A Praça da Independência: uma centralidade urbana resistente no século XX	36
a. A fragmentação do tecido urbano após as reformas modernizadoras no Bairro de Santo Antônio	37
b. O cotidiano do recifense no centro do Recife no século XX	46
c. Intervenções paisagísticas na Praça da Independência	51
3. A Pracinha do Diário: um espaço público resiliente do Recife de hoje	67
a. Condicionantes legislativos e ações da gestão pública na área	68
b. A Pracinha de hoje: problemáticas e potencialidades	72
c. Um 'espaço do público' sem recinto	81
4. A Pracinha na paisagem do Recife: diretrizes para uma requalificação paisagística	85
a. A articulação entre os usos	86
b. Vegetação	101
c. Materiais e mobiliário urbano	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
Referências	111
APÊNDICE A – Fontes das iconografias organizadas no álbum iconográfico da Praça da Independência	114
APÊNDICE B – Planta Baixa das Diretrizes para uma requalificação paisagística da Pracinha do Diário	119

INTRODUÇÃO

A discussão apresentada neste trabalho de conclusão de curso foi iniciada na disciplina de Projeto de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo VII do curso de Arquitetura e Urbanismo, na qual foi realizado um exercício de projeto de conservação urbana para o Bairro de Santo Antônio, no Recife. Naquela ocasião, percebeu-se que essa região sempre foi protagonista na configuração da morfologia urbana da cidade desde o início da sua ocupação. Verificou-se ainda que essa mesma área se encontra em processo de deterioração tanto dos espaços públicos quanto das edificações, que têm grande número sem uso ou abandonado. Além disso, em 2021, a gestão municipal da cidade tem direcionado o olhar dos técnicos a respeito do futuro dessa área através da Lei do RECENTRO - Plano de Incentivos Fiscais para algumas atividades em imóveis situados no sítio histórico dos bairros do Recife, Santo Antônio e São José (Lei 18.869/2021).

A Praça da Independência, localizada em Santo Antônio, é também conhecida como Pracinha do Diário, pela sua relação direta com o edifício do Diário de Pernambuco, jornal mais antigo em circulação na América Latina que foi instalado na Praça em 1901. A origem da Pracinha enquanto espaço público remonta à ocupação holandesa, em meados do século XVII, quando a '*Grote Markt*' – Terreiro dos Coqueiros, era o centro da *Mauritsstad*. A localização estratégica de centralidade – Região Político Administrativa (RPA 1) do município - interligando os bairros do Recife, de Santo Antônio e da Boa Vista, permanece até hoje. Ela está inserida na Zona Especial de Patrimônio Histórico-Cultural (ZEPH) 10, no Setor de Preservação Rigorosa (SPR) 6 (Figura 1), sendo reconhecida por sua importância histórica e cultural que demanda manutenção e compatibilização com o conjunto do entorno (Lei 18.770/2020 e Lei 16.176/1996, Recife).

A Praça passou por algumas intervenções ao longo do tempo e continua sendo um espaço público de conexão que movimenta a dinâmica do bairro de Santo Antônio. As conclusões da disciplina de Projeto VII apontaram que a Pracinha possui problemas de circulação de ônibus e pedestres, distribuição inadequada dos seus diferentes usos, mobiliário urbano e vegetação sem os devidos cuidados, que dificultam a apreensão espacial da paisagem pelo pedestre. Por tais motivos, fica desconectada do edifício do Diário, que também está descaracterizado, e das outras edificações do entorno. Nesse sentido, a Praça acaba se configurando como um local de passagem que não convida à permanência e à descoberta dos seus atributos, desvalorizando sua função enquanto testemunha material da história e da cultura da cidade do Recife.

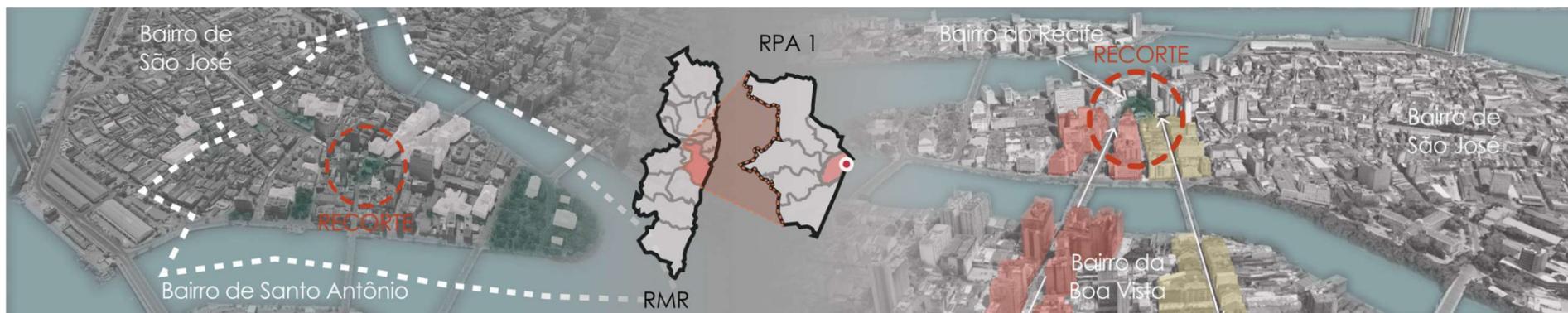


Figura 1: Localização da Praça da Independência. Fonte: Google Earth, editado pela autora.

Foram tais motivos que direcionaram a vontade de investigar a história da Pracinha do Diário, exercitando a paisagem desse espaço público para sua requalificação. O “exercício de paisagem”, é entendido a partir de Besse (2014), que apresenta cinco abordagens para compreender o que é a paisagem para além das definições da Geografia, propondo a paisagem como projeto, a partir da “retomada acordada e deliberada dessa abordagem experimental da realidade paisagística” (p.56). Para isso, foi necessário analisar as modificações ocorridas no traçado urbano do entorno da Pracinha, relacionando-o às conexões, edifícios-marco associados aos espaços livres públicos e introdução da vegetação nos séculos XVII, XIX e XX e identificar as diferentes funções da Pracinha ao longo da história do Recife para entender a perspectiva de uso e ocupação da área. Além disso foi necessário realizar pesquisa sobre o tratamento urbano-paisagístico relacionado aos usos da Praça para apoiar as diretrizes que contemplem a história desse espaço para uma futura requalificação.

Para tanto, buscou-se coletar e sistematizar iconografia, cartografia e bibliografia sobre a Pracinha, que apresentem reflexões sobre a história urbana e paisagística do Recife. Assim, no capítulo 1, através da coleta do material dos acervos digitais de Benício Whatley Dias, da Villa Digital da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), de Allen Morrison, do Arquivo da Biblioteca Nacional, da Condep-Fidem, da Biblioteca do IBGE, do Brasiliana Fotográfica, da Biblioteca Nacional de Portugal, do Museu da Cidade do Recife, do Instituto Moreira Salles, da Biblioteca Digital Luso-Brasileira e da curadoria iconográfica da página do Recife de Antigamente e Pernambuco Arcaico, foi possível

compreender a constituição inicial dos espaços públicos do Recife, demonstrando a presença da Pracinha como testemunha da história da cidade até o séc. XIX.

A seguir, o capítulo 2 apresenta, no início do século XX, o anseio de inserir a cidade do Recife no contexto do urbanismo moderno então em voga, o que acarretou a demolição de quadras para abertura de avenidas e alterou drasticamente sua conformação. É demonstrado como a Pracinha consolidou sua centralidade nos Planos Urbanísticos dessa época, e como as reformas resultaram num espaço público que continua congregando manifestações culturais, sociais e econômicas, muito embora seu espaço físico tenha se tornado caótico para a sua função urbana. Dessa forma, foi possível construir um álbum iconográfico que identifica as mudanças na conformação e no entorno da Praça dos séculos XVII até o início do século XXI.

Já no capítulo 3, a Pracinha é apresentada na situação atual, relacionando sua problemática, os condicionantes legislativos e abordando suas potencialidades no que diz respeito a sua localização numa área para a qual a gestão pública municipal tem direcionado recursos e estimulado atividades econômicas, turísticas e habitacionais.

Por fim, o capítulo 4 apresenta as possibilidades de tratamento paisagístico para a Pracinha do Diário como espaço público no qual se reconheça a história e a paisagem do Bairro de Santo Antônio. Para isso, as diretrizes projetuais buscam apontar, por meio de desenhos do traçado urbano, vegetação, mobiliário e usos da Praça e das edificações limitantes, de forma que seja apreendida pela população como um espaço público pulsante e acolhedor do Recife.

1. DO TERREIRO DOS COQUEIROS À PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA: A FORMAÇÃO DE UM ESPAÇO PÚBLICO CENTRAL DO RECIFE

a. A paisagem da Capitania de Pernambuco no século XVI

Até o início do século XVII, no território hoje correspondente à cidade do Recife, predominava a paisagem natural que contava com a marcante presença do mar e dos arrecifes de corais, dos rios que lançavam seus braços por entre as porções de terra conformando ilhas e da vegetação de mata atlântica.

Os arrecifes fizeram do território um porto natural, característica muito valorizada pelos colonizadores portugueses, que denominavam o território fazendo menção a essa condição natural, como *Arrecife dos Navios* (1537) – como foi chamada pelo donatário Duarte Coelho. Essa natureza portuária fez do Recife o principal porto das colônias portuguesas nas Américas enquanto Olinda era a sede da capitania pernambucana instalada por volta de 1535 sobre as colinas que proporcionavam defesa natural e vista privilegiada (ALMEIDA, 2001). É a partir deste ancoradouro natural que nasce a ocupação simples do povoado do Recife e da Vila de Santo Antônio (1709) (Figura 2) que se expandiram ao longo do tempo em direção ao continente e posteriormente se consolidaram na cidade do Recife, em 1823 (SILVA, 2000; ALMEIDA, 2001).

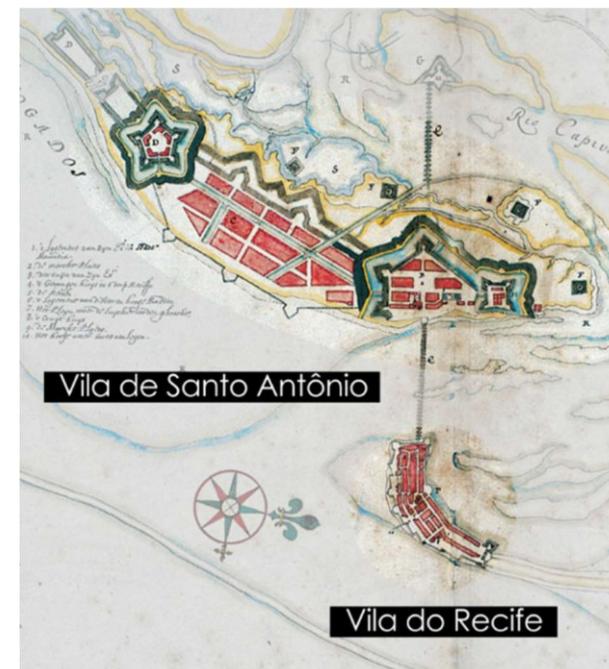


Figura 2: Mapa da cidade Maurícia (atual cidade de Recife/PE) de 1639. Autor: do desenho, Johannes Vingboons; do original, Cornelis Golyath. Fonte: Atlas de J. Vingboons do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano/ Laboratório Topográfico de Pernambuco. Editado pela autora.

b. A urbanização holandesa na morfologia do Recife

O território sobre posse portuguesa foi invadido pelos holandeses em 1630. Nesse momento, a povoação do Recife (hoje correspondente ao Bairro do Recife) já havia se organizado quanto ao traçado urbano, bem característico das cidades católicas romanas, no qual se nota o frequente posicionamento da igreja associada à um pátio delimitado por residências em volta do espaço livre. No povoado do Recife, o primeiro espaço público com essa conformação foi o Largo da Matriz do Corpo Santo (Figura 3). Já no povoado da Vila de Santo Antônio, constava somente uma fileira de casas nas margens do Rio Capibaribe além do Convento Franciscano instalado em 1608 (ALMEIDA, 2001; MENEZES, 2017).

A partir da ocupação holandesa, a porção do território da ilha do Recife fica quase inalterada devido à falta de espaço para expansão, ao passo que a Vila de Santo Antônio recebe maior investimento no planejamento e na consolidação da ocupação urbana, agora aos moldes flamengos. A chegada da comissão junto ao Conde Maurício de Nassau para implantação do governo holandês em 1637 trouxe importantes contribuições para a história do Recife, a exemplo do Plano Urbanístico para a Cidade Maurícia, de autoria do arquiteto Pieter Post (ALMEIDA, 2001; MENEZES, 2017; ZANCHETI, 2012).

O plano de Pieter Post para a *Mauritsstad* holandesa incorporou o já existente Convento Franciscano em um sistema de defesa fortificado, que contemplou a construção de casas, ruas e pontes, fossos canalizados, palácios, jardins e espaços públicos cuja localização corresponde a alguns ainda hoje existentes. Nas reproduções dos desenhos originais do arquiteto, é possível identificar, no extremo norte, o horto botânico do Parque de Friburgo juntamente com o Palácio, o Forte Ernesto, que abrigou o Convento existente e o Forte Frederico Henrique no extremo sul



Figura 3: Largo do Corpo Santo, cujo conjunto foi demolido em 1913. Fonte: Litografia de Luis Schlappriz, 1863. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/cidade/projetos/bairrodorecife/tx4.htm>

em localização aproximada ao atual Forte das Cinco Pontas. Além disso, é importante destacar dois espaços públicos posicionados simetricamente no traçado, sendo uma a Praça do Mercado Grande ou Terreiro dos Coqueiros, que era o núcleo principal do da ilha – que hoje corresponde à Praça da Independência – e a Praça Dupla, para os habitantes menos abastados – que hoje corresponde à Praça Dom Vital, no Bairro de São José. O Parque de Friburgo, onde também se localizava o Palácio de Friburgo, corresponde à área do atual Jardim com o Palácio do Campo das Princesas além da Praça da República, o trecho mais arborizado e com espaço público mais bem conservado do Bairro de Santo Antônio (ZANCHETI, 2012; ALMEIDA, 2001) (Figura 4).

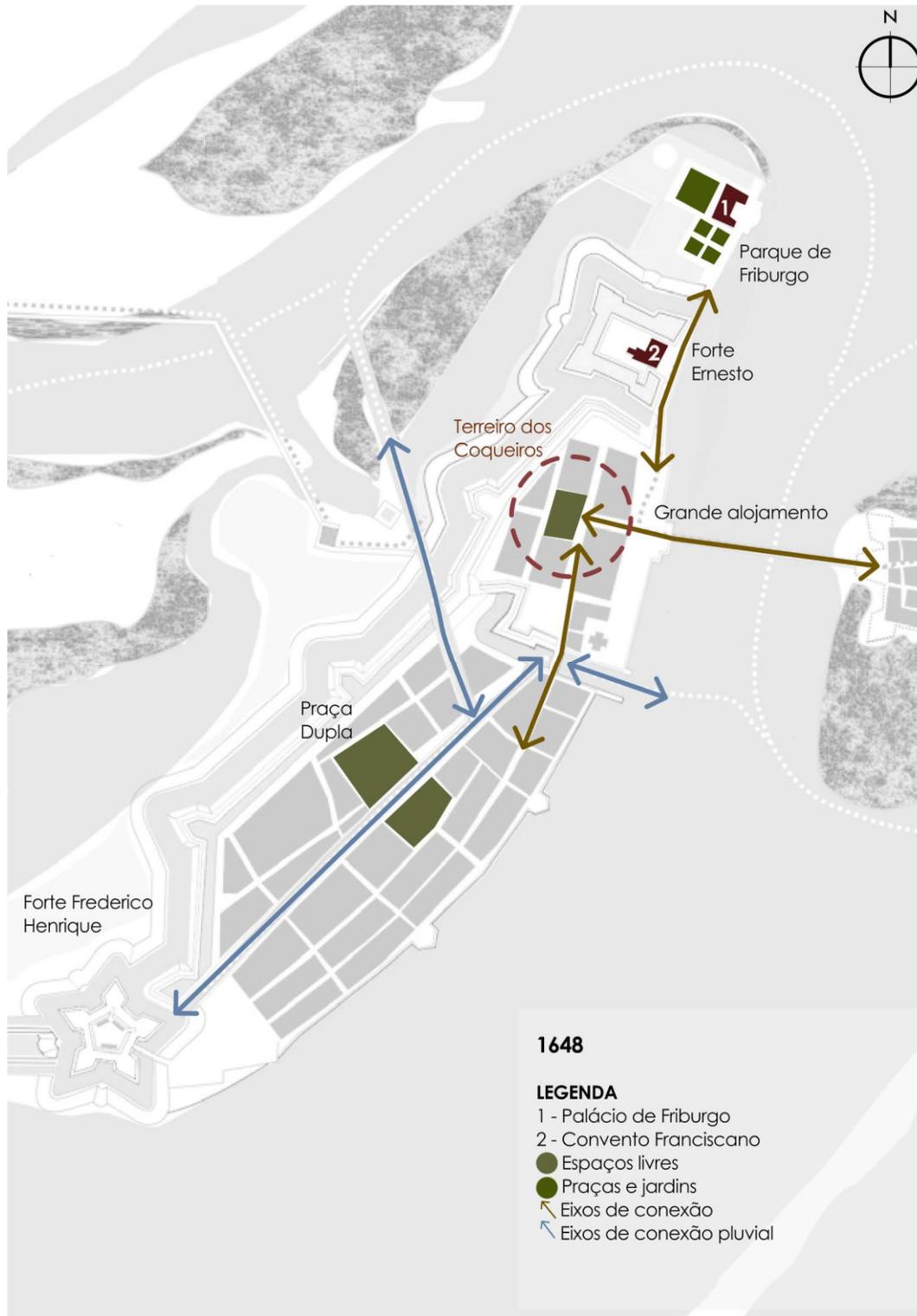


Figura 4: Cidade Maurícia em 1648. Fonte: Cartografia de 1648 redesenhada por MENEZES (2017), editado pela autora.

A organização urbano-paisagística holandesa fez de Recife o primeiro núcleo urbano americano a dispor de arborização de rua, no séc. XVII. O uso da arborização nas ruas foi identificado por Mesquita (1998), em pinturas de Frans Post por volta de 1630, a exemplo da Rua do Imperador, na qual pode-se verificar a presença de coqueiros (MESQUITA, 1998). As “castas de árvores de fruto que se dão no Brasil (...) e dois mil coqueiros” do jardim de Friburgo (Figuras 5 e 6) se destacavam no meio daquele “areal estéril” conforme relatou o memorialista frei Manuel Calado do Salvador (PONTUAL, 2001).

Além do tratamento intra-território, os holandeses também investiram em infraestrutura nos pontos de chegada à ilha do povoado de Recife, através das três portas: a porta do mar, a porta da terra e a porta da balsa. A porta da balsa era a que conectava o povoado de Recife à Mauritiópolis, na Ilha de Antônio Vaz, próxima a cabeceira da primeira ponte do Recife, construída por Nassau, no mesmo local onde se encontra hoje a denominada Ponte Maurício de Nassau. A função das portas era controlar os acessos e manter a sede da administração holandesa em segurança (ARRAIS, 2004).



Figura 5: Perspectiva do Parque de Friburgo onde hoje se encontra a Praça da República. Fonte: (MESQUITA, 1998, p. 12)



Figura 6: Cópia aquarelada das pinturas de Frans Post onde se identifica os coqueiros da Rua do Imperador e o Terreiro dos Coqueiros em primeiro plano. Fonte: (MESQUITA, 1998, p. 15)

c. Da capitania de Pernambuco ao Recife-cidade: a expansão do tecido urbano no século XVIII

Com a Insurreição Pernambucana, que pôs fim ao período de ocupação holandesa, em 1654, a região do porto do Recife atraiu novamente a ocupação portuguesa residente da então incendiada Olinda, retomando características da primeira organização urbana. Isso se deu devido às suas características favoráveis ao comércio e instalação portuárias pelo fácil acesso ao rio e mar e acesso às importantes áreas produtoras de açúcar.

Muito da vegetação introduzida por Nassau foi dizimada, mas os coqueiros do Parque de Friburgo resistiram e posteriormente maciços de coqueiros foram plantados nas imediações do Forte das Cinco Pontas (MESQUITA, 1998). Nesse momento, Recife torna-se o principal núcleo urbano da capitania, agora portuguesa, e um dos mais importantes núcleos comerciais e financeiros do Brasil.

E como se deu a construção da malha urbana do Recife? Sobre isso, Arrais (2004) explica que a principal diferença entre o modo urbanizador dos flamengos e o dos colonizadores portugueses se deve à ocupação do território. Enquanto os holandeses planejaram uma ação com interesses econômicos e estrutura militar organizada, refletindo diretamente no planejamento da ocupação urbana através do Plano de Post, a ação portuguesa foi uma atividade expansionista, que, por sua vez, parece não ser tão preocupada com o entendimento das condições naturais do território (ALMEIDA, 2001).

Desse modo, permanece presente o eixo longitudinal de crescimento, conectando o Bairro do Recife ao de Santo Antônio e alcançando o continente no bairro da Boa Vista, Tal eixo é articulado pelo Terreiro dos Coqueiros, que recebe o Fora de Portas e passa a contar com a presença de escravos agueiros e aglomeração de cavalos. É nesse contexto que a partir de 1711

o Terreiro passa a ser denominado Praça da Polé, contribuindo com a articulação com o bairro de São José (BARROS; DE ALBUQUERQUE, 202; REYNALDO, 2017; SOUSA et al., 2004).

É dessa forma que as ruas irregulares e estreitas vão se conformando, sendo interrompidas pelos pátios e largos das igrejas à medida que os sobrados continuam a adensar a cidade, a partir da metade do século XVII até o final do séc. XVIII. Mesquita *apud* Almeida (2001) destaca que não havia intenção pré-concebida dos portugueses em articular os espaços livres dessa forma, o que nos leva a entender a formação espontânea do tecido urbano, mas não desordenada. Sobre isso, Zancheti (2012) destaca, ao discutir a respeito dessa organização:

Recife barroco organizou-se, com a ajuda de múltiplas iniciativas dos atores sociais, em uma dinâmica descontinuada, sujeita aos anseios, impulsos e capacidade de mobilização de recursos de cada grupo. Não poderia ser uma cidade com um ou poucos pontos de concentração dos símbolos do Poder, como a cidades-sede do poder real, pois os grupos são muitos e procuram afirmar a sua presença na urbe (ZANCHETI, 2012, p. 6).

A organização espontânea do tecido urbano do Recife caracterizando a geometria do séc. XVIII sem um centro representativo de poder ou origem espacializado no tecido urbano não implica dizer que não havia uma lógica de organização do espaço. As praças e largos estavam conformados a partir de um sistema de perspectivas, que consistia em um espaço livre de formato quadrangular cujo lado menor recebia um elemento arquitetônico de destaque, como a igreja, na qual estava o plano final da perspectiva com seu ponto de fuga posicionado em algum elemento decorativo da fachada, por exemplo (ZANCHETI, 2012).

A lógica da urbanização do Recife Barroco, de acordo com Zancheti (2012), contava com ruas estreitas ou becos que ligavam os largos e praças, levando o pedestre a um percurso que o direcionava sempre para novas perspectivas urbanas valorizando os elementos naturais. Assim,

os espaços livres se configuravam como cenários urbanos marcados por igrejas, conventos e confrarias cujas torres e frontões se tornaram referências nos percursos dos transeuntes.

O início da instalação das igrejas e conventos na segunda metade do séc. XVII, na área correspondente ao Bairro de Santo Antônio, tem importante papel na consolidação do tecido urbano, uma vez que os religiosos eram grandes proprietários de terras e construíram seus templos e hospitais, que por sua vez, definiram os largos e pátios, espaços livres dos mais representativos da cidade. Nesse sentido, o Recife foi organizado por múltiplos atores sociais com diferentes tipos de espaços livres públicos configurando uma cidade aberta, uma cidade de portas, que se consolida pela apropriação desses diferentes atores sociais (ZANCHETI, 2012).

A influência das instituições religiosas também aparece na história do paisagismo quando da instalação do Horto Botânico de Olinda (sugerido pelo naturalista Arruda Câmara ao príncipe D. Pedro I) onde se cultivavam plantas exóticas e nativas e árvores frutíferas distribuídas em Pernambuco. Essa ação desencadeou o desenvolvimento dos jardins domésticos no Recife, despertando na população o gosto pelos jardins, o que podia ser notado pelo usufruto da borda de rio, plantio de palmeiras imperiais pontuando as entradas das casas de veraneio das famílias abastadas, coqueiros mesclados às árvores frutíferas exóticas que agregavam aos jardins aromas e sabores característicos da "paisagem sentimental do Recife" (MESQUITA, 1998).

A maior parte das igrejas dos bairros de Santo Antônio e São José foram construídas entre os séculos XVII e XIX e estiveram frequentemente associadas a um pátio desprovido de vegetação (Figuras 7 e 8), o que explica que boa parte dos espaços públicos do Recife consolidados até o fim do século XVII são os pátios das igrejas, conforme ilustra a Figura 9 (ALMEIDA, 2001).



Figura 7: Pátio do Paraíso, 1930. Fonte: Arquivo Nacional. Fundo Correio da Manhã. Disponível em: <https://www.facebook.com/arquivonacionalbrasil/photos/a.646412452119303/3262995143794341/>



Figura 8: Pátio do Carmo no século XIX. Fonte: Wikiwand. Disponível em: https://www.wikiwand.com/pt/Centro_Hist%C3%B3rico_do_Recife

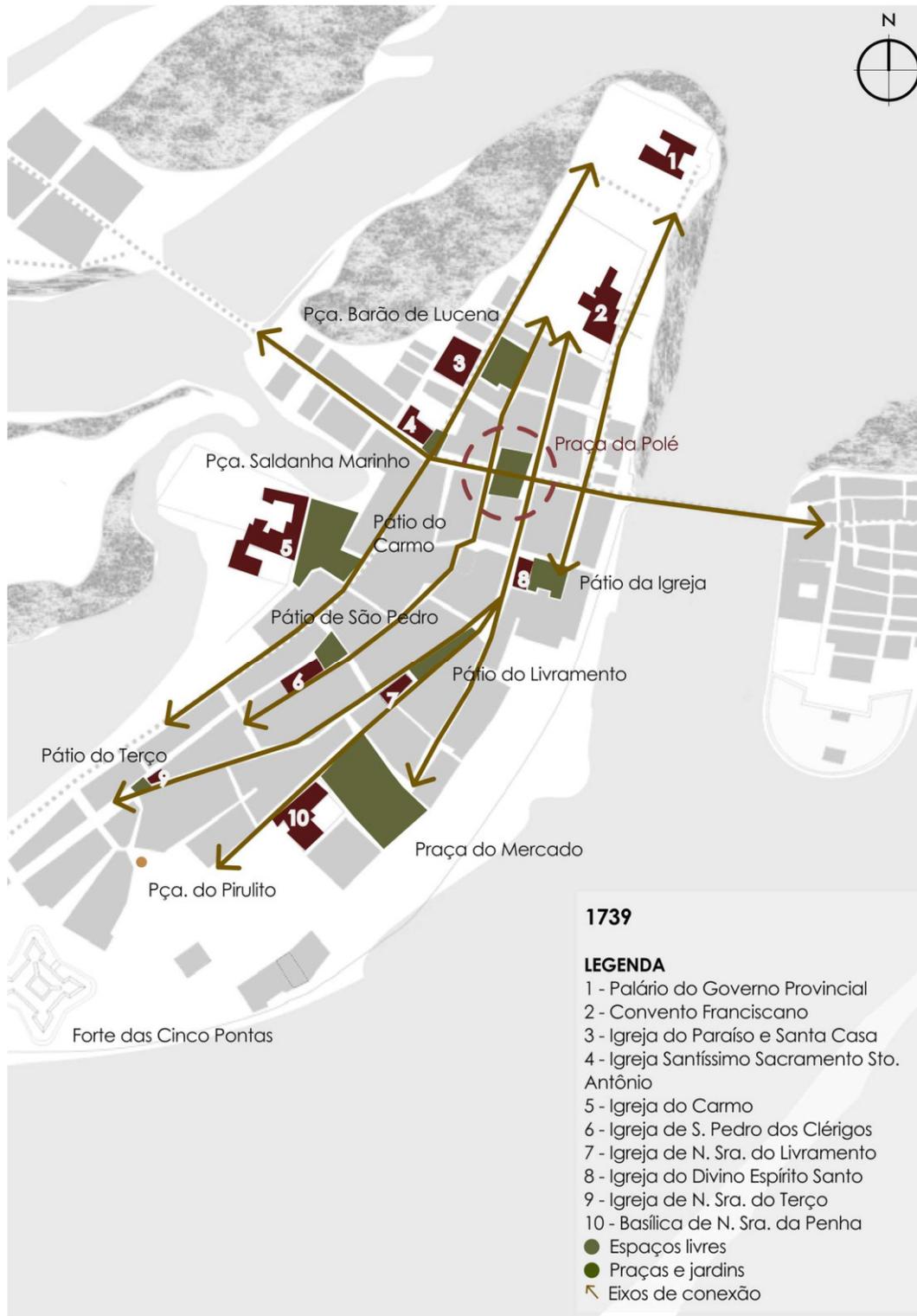


Figura 9: Espaços livres associados às igrejas e eixos de articulação em 1739. Fonte: Cartografia de 1739 redesenhada por MENEZES (2017), editado pela autora.

Essa associação entre a edificação religiosa e o espaço livre público não aconteceu com a Praça da Polé, que se configurava como o cenário de execuções de escravos e insurgentes e ponto de conexão entre o eixo de articulação das ilhas do Bairro do Recife e de Antônio Vaz com o continente, até que em 1788, a Polé foi retirada. Nesse mesmo ano, instalou-se a sede do Jornal Diário de Pernambuco na Rua das Cruzes, próxima à Praça da União, que recebeu esse nome em 1818, após uma remodelação que incluiu a instalação da feira livre de gêneros básicos (Figura 10) (BARROS; DE ALBUQUERQUE, 2021).

Segundo Zancheti (2012), a partir deste momento, o desenvolvimento da cidade contou com o comerciante burguês como relevante ator da produção do espaço, diferente de outros grandes núcleos urbanos consolidados no Brasil, como Salvador e Rio de Janeiro. Desta forma, a igreja católica e os representantes políticos dos colonizadores competiam na produção do espaço com as insurgentes demandas capitalistas. Até o fim do século XIX virá a perdurar no território uma malha urbana que mescla as práticas urbanizadoras advindas das invasões holandesas e, posteriormente, portuguesas.

É em 1833 que a Praça da União passa a ser denominada Praça da Independência (Figuras 11 e 12), tal qual conhecemos hoje. A inspiração veio da homenagem à independência do Brasil em relação ao governo português, e na ocasião, as fachadas dos sobrados lindeiros foram pintadas de verde e amarelo (BARROS; DE ALBUQUERQUE, 2021). Isso permite refletir a relevância desse espaço público para a manifestação dos eventos políticos e sociais da época.

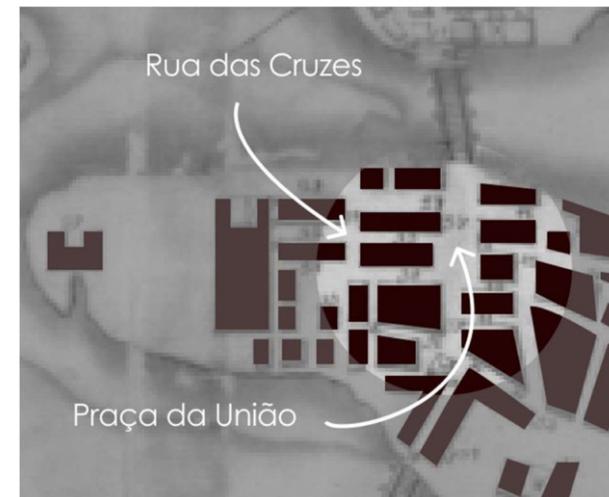


Figura 10: Planta genográfica da Villa de S. Antônio do Recife de Pernambuco: cituada em 8 graus 4 minutos de latitude e 348 graus de longitude ao sul da linha na América meridional datada de 1763. Fonte: Acervo da Rede da Memória Virtual Brasileira. Editado pela autora.



Figura 11: Praça da Independência em 1913, com quiosques de comércio popular. Fonte: Villa Digital/Fundaj. Disponível em: JB_000101 - Praça da Independência (fundaj.gov.br)

Figura 12: Rua Primeiro de Março com Praça da Independência ao fundo e torre da Matriz do Santíssimo Sacramento pontuando a paisagem por trás da quadra demolida no século XX. Fonte: Coleção Pedro Correa do Lago do Acervo do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliانا/handle/20.500.12156.1/2648>

d. A prosperidade econômica do século XIX e o protagonismo dos espaços públicos na vida cidadina

Na chegada do século XIX, a saturação do território ocupado gera a necessidade da construção de aterros dos mangues, que se tornaram frequentes desde o fim do século XVIII. Nesse contexto, a cidade também recebe uma série de modernizações de inspiração europeia, nas quais se incluem a abertura de novas vias, construção de edifícios, introdução do transporte público de linhas de bonde e o saneamento. Esse cenário é resultante do período áureo da economia e influência da burguesia que movimentava a vida urbana (FIDEM, 1986 apud ALMEIDA, 2001).

É nesse cenário de prosperidade que o Recife recebe um reforço significativo nos melhoramentos urbanos no período da administração do Conde da Boa Vista, que trouxe consigo um grupo de engenheiros e arquitetos europeus para o Departamento de Obras Públicas com o objetivo de promover o embelezamento da cidade. Dentre as várias ações e intenções dessa leva de melhorias, Mesquita (1998), destaca o *Projeto do Passeio Público para a cidade do Recife*, cuja autoria é do engenheiro William Martineau, de 1860, que englobava a área hoje correspondente ao Parque 13 de Maio à Rua da Aurora, atravessando o Rio Capibaribe e chegando na Rua do Sol até desembocar na Praça da Independência com alamedas bastante arborizadas (Figura 13). A implantação completa desse parque não ocorreu e o projeto inicial teve sua dimensão reduzida para execução e inauguração em 1939.

Esse período marca o segundo momento áureo do paisagismo no Recife, por influência da equipe de franceses, alemães e ingleses que acompanhavam o Conde da Boa Vista, então presidente da província de Pernambuco. Nesse período várias praças, passeios públicos e largos associados às igrejas foram tratadas com introdução de pavimentação, fontes, coretos, bancos

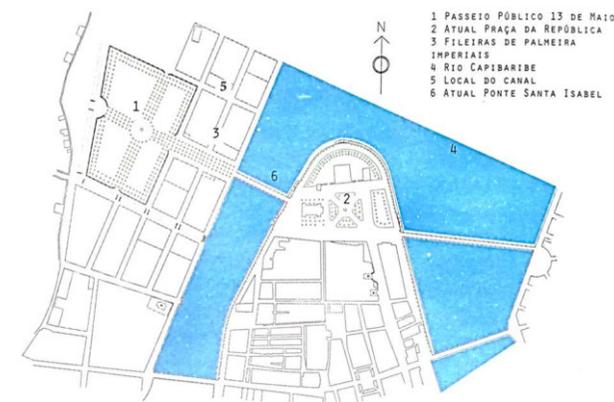


Figura 13: Projeto de Martineau para o Recife, redesenhada pelo Laboratório da Paisagem. Fonte: (SÁ CARNEIRO, 2010), p. 86.

e estátuas, além de vegetação arbustiva, arbórea e herbácea protegidas por grades de ferro, enquanto os largos e pátios das igrejas permaneceram sem vegetação (MESQUITA, 1998).

A partir da década de 1850, com a proliferação dos jardins particulares, cresce o gosto e o comércio de plantas ornamentais. A Rua Larga do Rosário recebe um desses pontos de comércio, da Sociedade Real de Horticultura de Paris, que também se proliferaram por outros logradouros públicos da cidade aos poucos. Já na década de 1860, aumenta o interesse pela arborização da cidade, quando aparece na imprensa um pedido para que isso fosse realizado nos espaços públicos do Bairro do Recife, de São José e de Santo Antônio, dentre os quais: Pátio do Carmo (Figura 14), Pátio do Paraíso, Praça da Independência, Campo das Princesas, os cais e a Rua do Imperador. Com o início efetivo da introdução da vegetação nos logradouros, são plantadas nogueiras no Cais do Colégio, além de bancos de madeira, castanholas do Pará e gameleiras próximo a ponte, quando essa área passa a ser denominada Passeio Público. A Rua do Imperador foi uma exceção, pois recebeu palmeiras imperiais, enquanto os logradouros que delimitavam a Ilha de Antônio Vaz com o Rio Capibaribe destacaram as gameleiras (ARRAIS, 2004).

Além da motivação estética, o interesse pela arborização (Figura 15) também pretendia proporcionar conforto térmico através da sombra, necessária após o calçamento das vias, que tinha por consequência o aumento da sensação térmica. Outra prática importante da década de 1870 era o gradeamento dos jardins das praças, que trazia consigo o desejo de ordenar o espaço público, para que a sociedade, dita civilizada, pudesse se deleitar (ARRAIS, 2004). Apesar disso, o espaço público é por natureza do público, é lugar no qual os diversos grupos sociais podem se manifestar e ocupar, motivo pelo qual essa prática não foi consolidada no século XIX.



Figura 14: Arborização no Pátio do Carmo, 1946. Autor: Benício Whatley Dias. Fonte: GUIMARAENS, 2019.



Figura 15: Arborização e passeio da Rua do Sol, na esquina da Rua Nova, com torre da Igreja dos Martírios ao fundo, 1910. Fonte: Acervo Benício Dias/ Revista Algo Mais. Disponível em: <https://revista.algomais.com/5-fotos-da-rua-nova-antigamente/>

Durante todo o século XIX, a chegada das modernizações, da economia aguçada e da ciência não ofuscou o protagonismo do sagrado, que continuará presente. As torres das igrejas, simbolizando aqui a instituição religiosa, serão os "sólidos pontos de apoio às representações dos indivíduos que habitavam o Recife, fornecendo, também, a linguagem básica para a organização social e a expressão pública da cidade" (p. 127), o que reforça a ligação da sociedade da época com o transcendente (ARRAIS, 2004).

Os eventos religiosos promoviam a aglomeração da população recifense do séc. XIX já que não havia outros divertimentos além desses e das comédias e declamações prosseguidas de representações em locais abertos que vez ou outra ocorriam (ARRAIS, 2004). Nesse sentido, é possível destacar que apesar da ausência de registros iconográficos desse ocorrido, os espaços

públicos também eram utilizados para manifestações artísticas, para além das religiosas organizadas pelas Irmandades.

Os cortejos sagrados, organizados pelas Irmandades, traçavam um itinerário que incentivava a vivência e a apreensão da cidade pelos fiéis, que era enriquecida pelos sons e pela companhia de militares que reforçava a ideia de solenidade e decência da celebração (ARRAIS, 2004). O badalar dos sinos orientavam a população a respeito de que ponto do percurso se encontrava o andor da procissão:

Pelo som dos sinos adivinhava-se por onde o cortejo vinha atravessando. Primeiro o Carmo, era a saída; depois a matriz de Santo Antônio... Depois São Francisco... Madre de Deus... e por fim o Corpo Santo dobrava, dobrava, de cortar o coração.... Bonito mesmo! (SETTE, 1984)¹.

Dessa forma, o espaço público passa a ser local de manifestação do sagrado através das práticas, ritos coletivos e cerimônias comemorativas que se tornam instrumentos de construção da memória popular. Assim, os templos funcionam como conectores dos diversos espaços livres associados a eles (Figura 16) exercendo um papel de demarcar as experiências do indivíduo na cidade (ARRAIS, 2004).

¹ SETTE, Mário. *Seu Candinho da farmácia*. 2.ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1984, p. 126 *apud* ARRAIS, 2004.

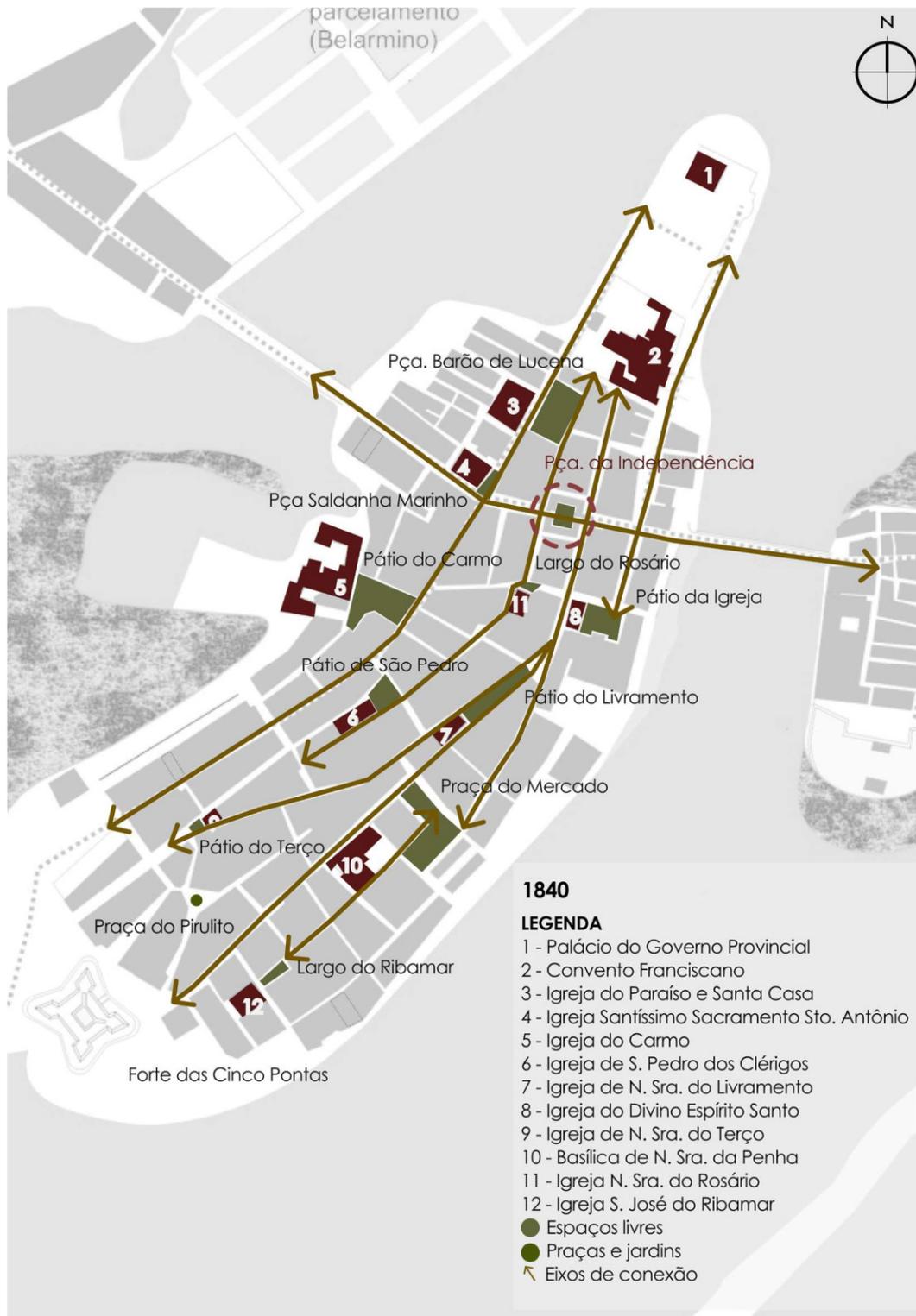


Figura 16: Espaços livres associados às igrejas e eixos de articulação em 1840. Fonte: Cartografia de 1840 redesenhada por MENEZES (2017), editado pela autora.

Enquanto no miolo da ilha os templos protagonizavam a paisagem dos espaços livres, as bordas eram pontuadas pelas pontes e pelo Rio Capibaribe. No período flamengo, as 'portas', já citadas anteriormente, estavam diretamente ligadas ao controle e a segurança. Já no século XIX, os arcos nas pontas das pontes serviam para demarcar o território, definindo limites. Para além disso, foram decorados ao modo português, com inserção de imagens religiosas e outros itens decorativos que tinham o intuito de encrustar no imaginário da população o valor da guerra da Reconquista que possibilitou a retomada da terra pelos portugueses. O arco de Santo Antônio e o da Conceição – demolidos em 1917 e em 1913, respectivamente - eram os articuladores das cabeceiras da ponte Maurício de Nassau, sendo o Arco de Santo Antônio (Figura 17) posicionado na ponta do bairro de mesmo nome. Os símbolos impregnados nas fachadas desses arcos funcionavam como códigos cujo significado era apreendido pela população, contribuindo na construção do imaginário geográfico das pessoas associado ao espaço público.



Figura 17: Arco de Santo Antônio, 1910.

Fonte: Memória do Inst. Arch. e Geogr. Pernambucano/ Recife de Antigamente. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/photos/arco-de-santo-antonio1910na-cabeceira-da-ponte-maur%C3%ADcio-de-nassau-pode-se-lerna-/1899>

Por fim, do início da ocupação urbana do Recife até o início do século XIX, os espaços livres públicos eram geralmente ligados às igrejas, configurando-se, em sua maioria, como pátios, e a partir do século XIX, com a introdução de novas edificações, os espaços livres passam a se relacionar com edificações civis, ligadas às suas respectivas praças (ALMEIDA, 2001).

Nesse sentido, a Praça da Independência, ligada à edificação civil do Prédio do Jornal Diário de Pernambuco, foi um dos primeiros espaços públicos da cidade, e até o fim do século XIX, se consolidou como um dos principais e mais importantes para a dinâmica cidadina, articulado pelos principais eixos de conexão da malha urbana, se afirmando como testemunha da história e da vida política e social do Recife,

mudando de nome e de forma, mas nunca de vocação [...] descontentou o povo com a água de sua famosa cacimba, presenciou as brigas e a conversação dos negros, bem como as dores e humilhações dos supliciados na Polé [...] até se tornar 7 de setembro, em comemoração à nossa Independência, quando recebeu arborização e tratamento paisagístico, por volta de 1833 (MESQUITA, 1998, p. 21).

2. A PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA: UMA CENTRALIDADE URBANA RESISTENTE NO SÉCULO XX

a. A fragmentação do tecido urbano após as reformas modernizadoras no Bairro de Santo Antônio

Eram os lugares bem afins com o modo português, sendo decorrentes da escala humana adotada na definição das dimensões das ruas e também das quadras, onde estavam arrumadas as moradias. Tal paisagem urbana contrariava o novo modo de olhar a cidade dos engenheiros e arquitetos contemporâneos das aulas de Louis Agache e as conferências, do também francês, Le Corbusier (MENEZES, 2017, p.89)

Nos anos de 1920, o desejo de modernidade que rondava o Brasil vindo da Europa chegou ao Recife. No anseio de estar inserida nesse contexto, a política estadual e municipal dessa época praticava forte controle das propagandas e da produção artística, além de buscar efetivar essa postura autoritária através da realização de grandes obras que beneficiassem a elite urbana local (MOREIRA, 1994). Em 1919, a primeira Lei urbanística do Recife, nº 1051, foi instituída, estabelecendo que o centro histórico da cidade deveria receber um cuidado maior, numa tentativa de enaltecer e conservar esse centro monumental, aos moldes do que havia sido feito nas grandes cidades do século XIX. Nesse período, o governo estadual implementou obras de iluminação elétrica, abertura de vias e ajardinamento de espaços vazios que se tornaram praças, com o intuito de fazer propaganda política e sempre com apoio da imprensa, a qual cabia divulgar amplamente esses feitos. A realização desses melhoramentos da primeira metade do século XX buscava modernizar o centro da cidade criando espaços públicos, equipamentos e novas práticas cotidianas voltados para a classe mais abastada, tendo como consequência uma série de demolições e exclusão social que incentivaram práticas cotidianas voltadas para a elite local (COSTA, 2011).

Em 1936, a Lei nº 374, do Regulamento de Construções do Município, substituiu a anterior incorporando os preceitos do urbanismo moderno, dividindo a cidade em zonas, baseado na Carta de Atenas e proibindo a construção de habitações de baixa renda nas zonas centrais. Costa (2011) analisa que entre tais mudanças estava a substituição dos bondes pelos automóveis com a introdução das grandes avenidas, mudando o cotidiano dos cidadãos e impondo hábitos e comportamentos para a população (ARRAIS, 2004 & OUTTES, 1997 apud COSTA, 2011).

Essa foi a segunda grande onda de modernização do Recife (posterior à primeira, empreendida pelo Conde Maurício de Nassau no século XVII) e ocorreu entre 1910 e 1940 aproximadamente, com o programa de planos urbanísticos modernistas, que incluiu o Plano de Saneamento do Recife, as reformas do Bairro do Recife e de largos e praças das áreas suburbanas, expansões para a periferia incluindo Derby e Boa Viagem, reaparelhamento do porto e reorganização da Inspetoria de Higiene (PONTUAL, 2000).

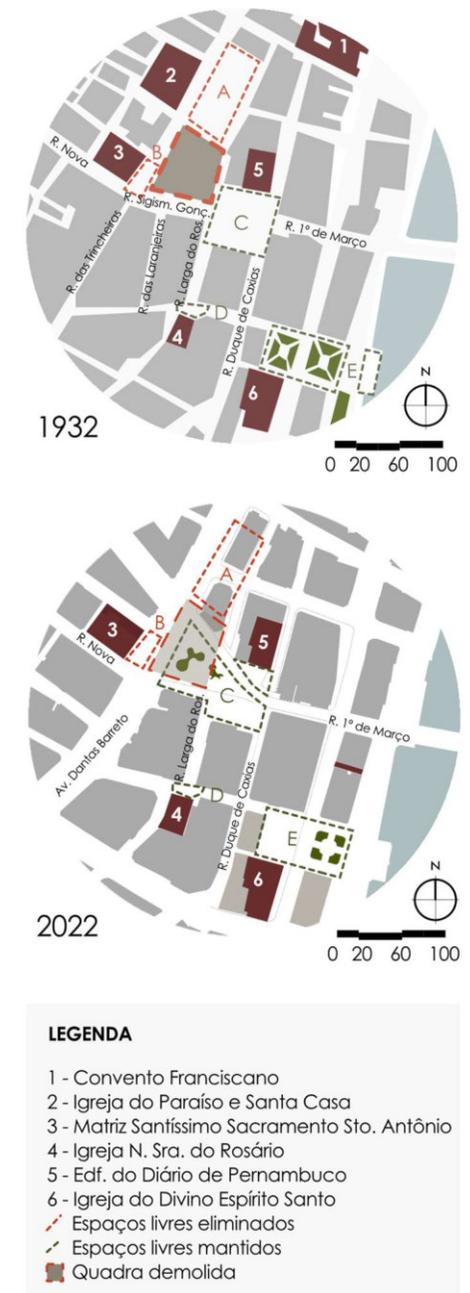
Essas ações estavam inseridas num contexto de efervescência dos anos 1920 que colocou o Recife na posição de centro cultural do Nordeste, com a articulação dos grupos em torno das ideias do modernismo na arte e na cultura. Um conjunto de planos urbanísticos foram elaborados por Domingos Ferreira (1927), Nestor de Figueiredo (1932), Atilio Corrêa Lima (1936) e Ulhôa Cintra (1943), materializando os preceitos da arquitetura e urbanismo modernos, mas nenhum teve sua execução completa iniciada (PONTUAL, 2000). As reformas resultantes dessas propostas viabilizaram a reformulação da Avenida 10 de Novembro, atual Avenida Guararapes, em 1937, com novas edificações de caráter monumental superando a escala preexistente. Nesse período é que também foram executadas grandes remoções que levaram parte da memória arquitetônica da evolução do tecido urbano e vários espaços livres associados a ela.

Durante a década de 1970, uma nova leva de demolição ocorreu para a construção da Avenida Dantas Barreto, responsável pela cicatriz urbana mais significativa do antigo traçado de Santo Antônio (DPPC, 2020). Essa desconfiguração levou ao desaparecimento de alguns espaços públicos (Figura 18), dentre os quais estão a Praça Barão de Lucena (A), ou Pátio do Paraíso, junto com a Igreja do Paraíso e a Santa Casa de Misericórdia; e a Praça Saldanha Marinho (B). Esta última funcionava como o Largo da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio e teve sua espacialidade desfeita como consequência da demolição de toda a quadra da antiga Rua do Cabugá, por volta de 1940, que separava a Saldanha Marinho da Praça da Independência (C), a qual, a partir desta data, assume seu tamanho e traçado atuais e passa a olhar para a Igreja de Santo Antônio (MESQUITA, 1998).

Figura 18: Diagrama da localização do Pátio do Paraíso (A), Praça Saldanha Marinho (B), Praça da Independência (C), Largo do Rosário (D) e Praça Dezessete (E), antes e depois da construção da Av. Dantas Barreto, respectivamente. Fonte: Mapa-base de 1932 elaborado por MENEZES, 2017, editado pela autora. Mapa-base de 2022, de autoria própria.

O primeiro dos planos urbanísticos apresentados foi o de Domingos Ferreira (1927), que pretendia trazer a modernidade com a abertura de vias e desapropriação de edifícios e terrenos. A proposta trazia um “corredor da cidade” (Figura 19) que conectava a Praça da Independência à Praça Duarte Coelho – espaço público na cabeça da ponte que ligaria o Bairro de Santo Antônio ao Bairro da Boa Vista. Esse eixo se conectava com os espaços livres, com as pontes e com o percurso dos bondes (ALMEIDA, 2001).

Já o ‘Plano de Remodelação para o bairro de Santo Antônio e extensão da cidade do Recife’ de Nestor de Figueiredo (1932) tinha como objetivo principal o progresso da cidade alcançado



através de dispositivos racionalizadores e apaziguamento dos conflitos citadinos, similar ao que havia proposto Domingos Ferreira, em 1927. Figueiredo acreditava que a Praça da Independência era “o grande centro distribuidor da cidade, a sua verdadeira sala de visita” e incorporou esse caráter da Praça no seu plano, uma vez que naquele momento, a Pracinha era

um logradouro mesquinho pelas suas dimensões reduzidas, sem nenhuma concepção de equilíbrio na composição das massas arquitetônicas e constituindo com as ruas que estão nas suas imediações, verdadeiro centro de atropelo e congestionamento de trânsito geral (Diário da Manhã, de 3/9/1931, conferência de Nestor de Figueiredo *apud* PONTUAL, 2000)

O sistema viário proposto por Figueiredo contava com radiais que partiam da Praça da Independência (Figura 20), que funcionaria como portal de entrada da cidade, além de considerar índices urbanísticos e um sistema de parques e jardins que criava corredores de conexão arborizados (ALMEIDA, 2001; PONTUAL, 2000).

Em 1936 o urbanista Atilio Corrêa Lima apresenta o ‘Plano para o Bairro de Santo Antônio’ e o ‘Plano de Expansão da Cidade’ após ser convidado a dar um parecer sobre a proposta de Figueiredo. A sua proposta, diferente das anteriores, desvia o tráfego de veículos da Praça da Independência com a eliminação de uma grande via que ligava essa à Praça Duarte Coelho constante nos planos anteriores (PONTUAL, 2000). Corrêa Lima insere áreas verdes nos trechos mais adensados da cidade e sugere a transferência dos terminais de transporte público, então localizados no Pátio do Paraíso (ou Praça Barão de Lucena), para resgatar as funções da mesma enquanto espaço público (OUTTES, 1997 *apud* ALMEIDA, 2001).

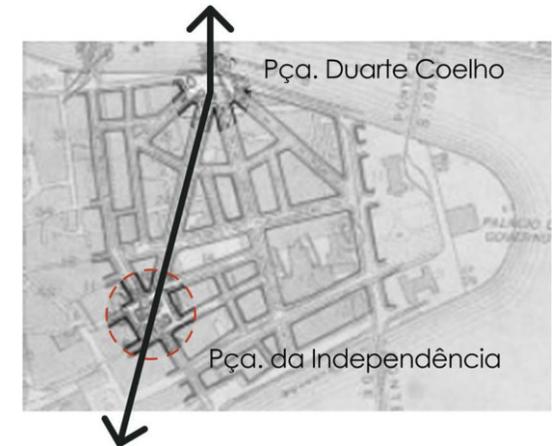


Figura 19: Plano de Domingos Ferreira (1927) sobre Planta da Cidade do Recife (1906). Fonte: PICCOLO, 2008, p. 68. Editado pela autora

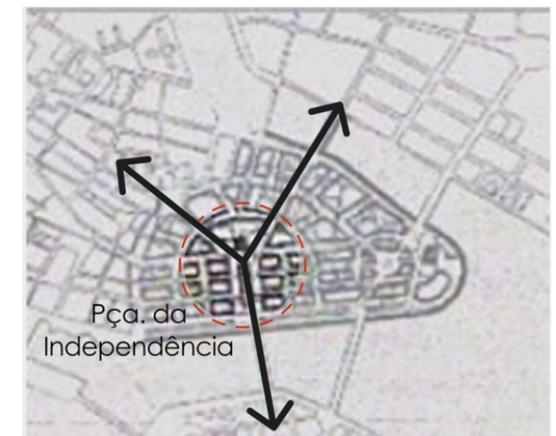


Figura 20: Plano de Nestor de Figueiredo (1930). Fonte: PICCOLO, 2008, p. 68. Editado pela autora

As modificações executadas na Av. 10 de Novembro e na Praça da Independência são resultantes do Plano de Remodelação organizado pela Comissão do Plano da Cidade nomeada pelo prefeito Novaes Filho em 1937, que revisou e aproveitou as sugestões dos planos até então apresentados para a área. Ulhôa Cintra é convidado a compor essa Comissão, em 1943, e dentre suas sugestões, cabe destacar o desvio do tráfego no entorno da Praça da Independência (PONTUAL, 2000).

As propostas apresentadas nesses planos urbanísticos modernos convergiram na previsão de parques e jardins para a área central da cidade, compreendida na Ilha de Antônio Vaz, com destaque para o de Cintra (1943) que extrapola esse limite ao propor duas avenidas que ligavam o Derby a Santo Amaro e ao longo do Rio Capibaribe, além de um parque na Ilha Joana Bezerra. Enquanto isso, Figueredo (1932) e Corrêa Lima (1936) propuseram espaços similares, mas em menor escala (PONTUAL, 2000).

Assim, verifica-se que foi consenso entre os urbanistas de que os espaços verdes deveriam ser preservados já que a cidade era constituída de uma “composição da arquitetura da construção com a arquitetura da paisagem” (p. 94), além do zoneamento funcional da cidade, abertura de largas avenidas e a verticalização. Essa representação da cidade salubre e equilibrada entre edificações e elementos naturais eram motivo de orgulho daqueles que buscavam alcançar o ideal da cidade moderna, fazendo do Recife “a cidade das grandes avenidas, dos arranha-céus, dos parques e jardins, mistura certa de tijolo, água e vegetação (...) O modelo de cidade-jardim era o ideal de morar dos letrados recifenses” (PONTUAL, 2000, p. 94).

Por outro lado, a reforma de Santo Antônio demoliu espaços públicos, becos, ruas estreitas, casario e o padrão colonial da cidade além de expulsar a camada popular que habitava o bairro, dando lugar aos edifícios em altura com suas galerias abrigando cinemas, escritórios e

outros serviços, introduzindo a atmosfera monumental. Entre os anos de 1930 e 1940, a gestão pública aumentou o controle social no centro da cidade perseguindo e reprimindo a ação da camada da população que não estava de acordo com os comportamentos associados às elites. Nesse sentido, comerciantes ambulantes e engraxates ficaram proibidos de frequentar as ruas do centro. Apesar disso, esses grupos permaneceram participando da dinâmica do centro da cidade, inclusive até os dias atuais (COSTA, 2011).

Panerai (1994), ao refletir a respeito dos projetos urbanos modernistas, afirma que a crença desses urbanistas nos benefícios de uma planificação centralizadora aliada ao progresso técnico ocasionou num excesso de “desvios e perversões”, além de a aplicabilidade prática não ser tão eficiente por estar sempre ligada à autoridade pública e à um grupo restrito de arquitetos e urbanistas. O autor assume uma visão crítica a respeito desse modo de projetar afirmando que ele está obsoleto para as atuais demandas sociais e resultou em cidades cuja forma respondia à sua função ao mesmo tempo que desmembrava o tecido urbano que ficava restrito a um arranjo paisagístico desarticulado, à exemplo de Brasília, onde é impossível circular a pé, nem mesmo “apreciar um trajeto relativamente curto para ir ao jornaleiro ou tomar um café” (PANERAI, 1994, p. 79).

Nesse sentido, a implementação fragmentada das propostas acabou por não alcançar o objetivo de fazer de Recife “a cidade dos parques e jardins”. O resultado prático dessas ações fez com que as vias abertas não proporcionassem conexão entre os espaços livres públicos e as edificações-marco, além de serem áridas, pouco convidativas ao pedestre e hiper dimensionadas no que diz respeito à demanda de tráfego real. Isso significa dizer que a modificação drástica da estrutura urbana existente não estabeleceu uma nova articulação com os espaços livres remanescentes (ALMEIDA, 2001).

A Pracinha do Diário, nesse momento, figurou como centralidade nos planos urbanísticos apresentados, articulando os eixos estruturadores das diferentes zonas propostas pelos urbanistas, mas a execução do Plano de Remodelação tornou o espaço público desconectado do edifício do Diário, resultando num triângulo diminuto com pouca área ajardinada – onde um dia houve uma quadra que separava a mesma da Igreja de Santo Antônio -, no qual comerciantes, transeuntes, automóveis e ônibus disputam seu espaço. Além disso, a dimensão da Av. Dantas Barreto em relação ao traçado da Praça tirou da mesma o caráter de respiro urbano no meio das quadras de casario colonial com as quais dialogava através do uso comercial e alimentício – de cafeterias, sorveterias e confeitarias. As Figuras 21 e 22 ilustram, respectivamente, os espaços livres associados às edificações-marco do bairro de Santo Antônio, em 1932 e a planta do Bairro de Santo Antônio de Douglas Fox (1906) destacando as mudanças e permanências em relação ao séc. XXI, antes e depois das reformas urbanistas modernas acima discutidas.

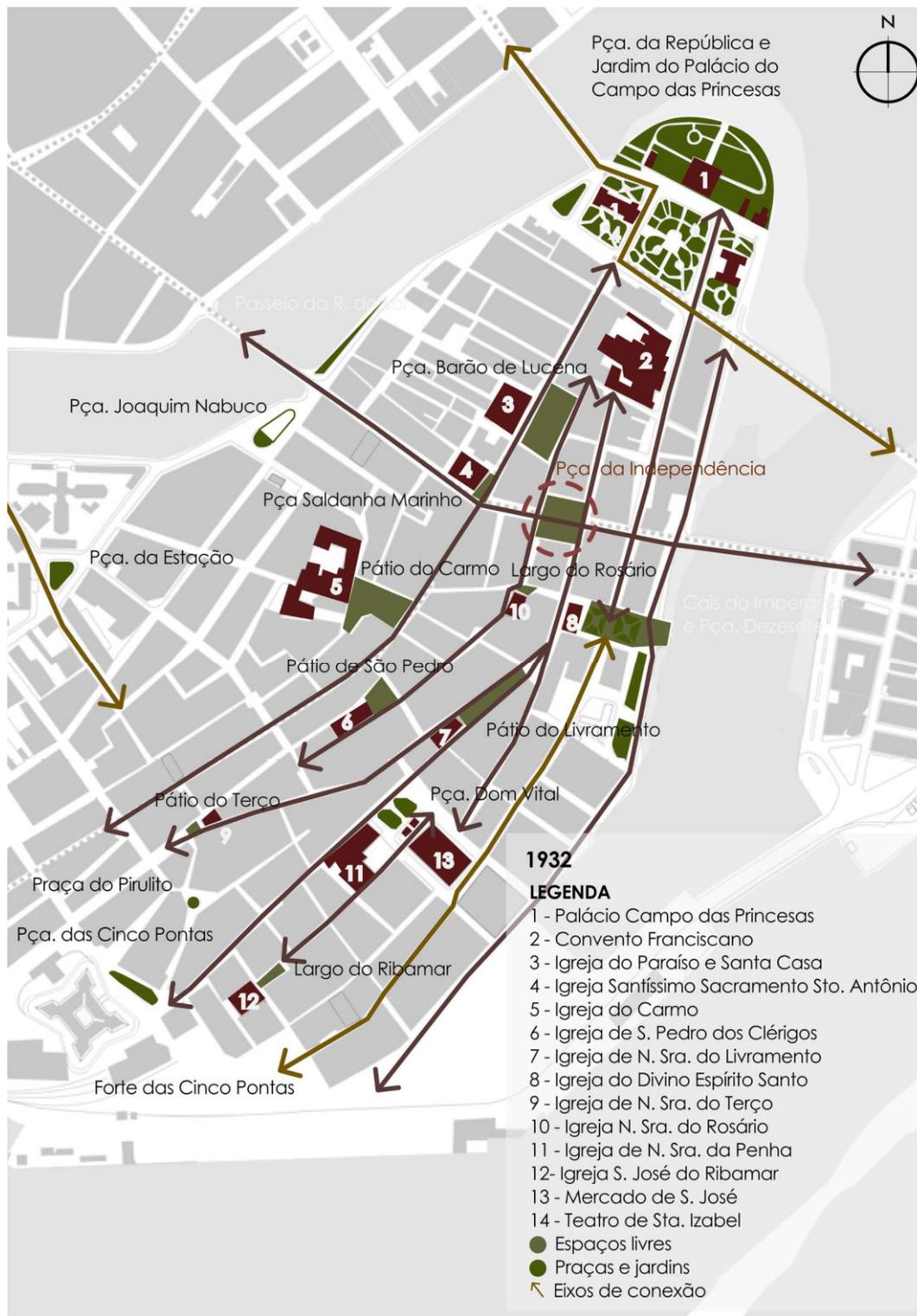
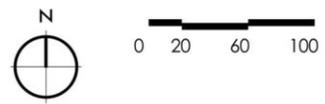
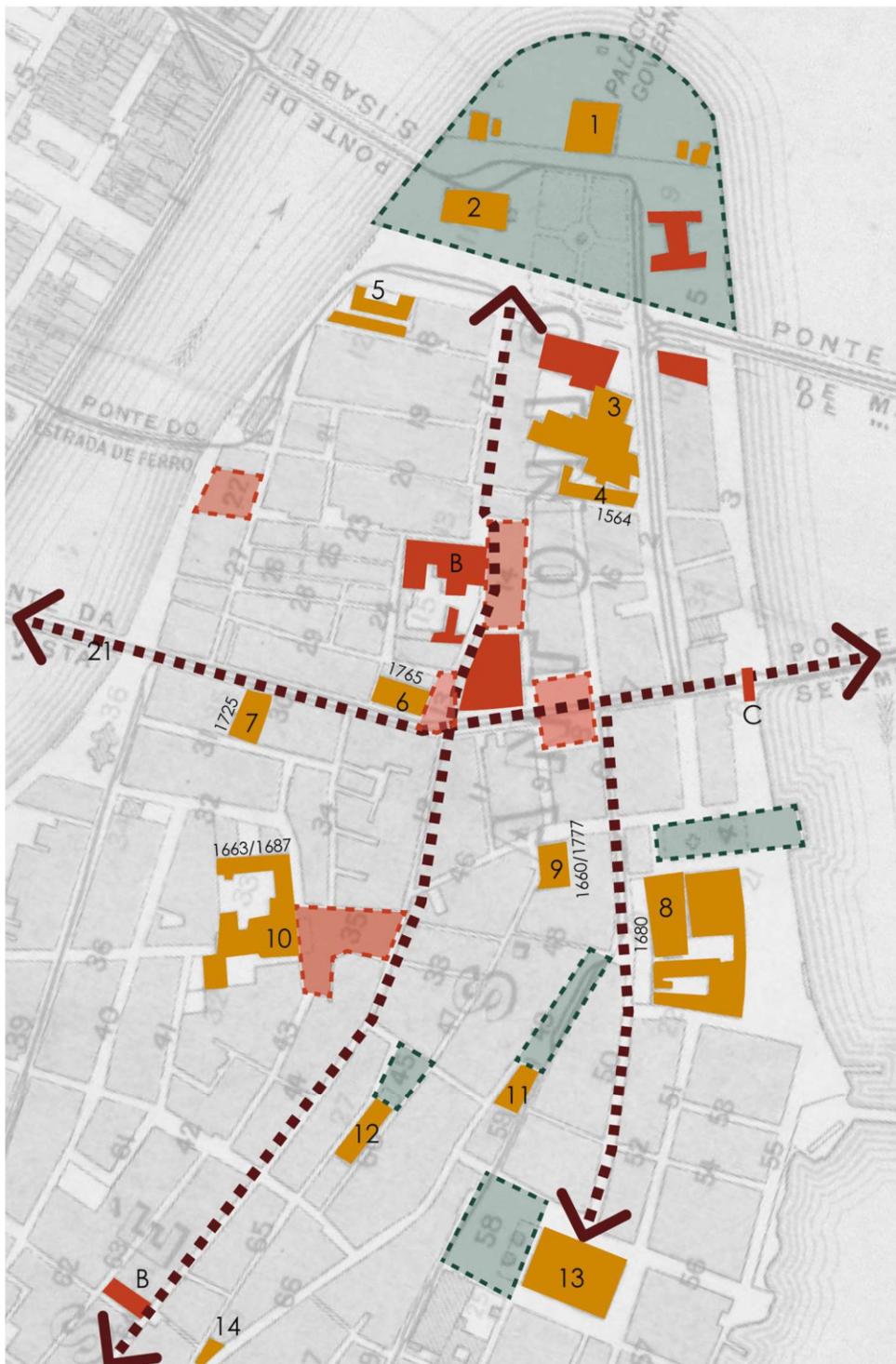


Figura 21: Espaços livres associados às edificações-marco e eixos de articulação em 1932. Fonte: Cartografia de 1932 redesenhada por MENEZES (2017), editado pela autora



LEGENDA

- Permanências (Patr. Edificado)
- Permanências (Espaços Livres)
- Perdas (Patr. Edificado)
- Perdas (Espaços Livres)
- Fluxo de bonde e comércio
- Linha de força

- 1 - Palácio do Campo das Princesas
- 2 - Teatro de Santa Isabel
- 3 - Convento e Igreja de São Antônio
- 4 - Capela dos Novícios da Ordem Terceira de S. Francisco do Recife ou Capela Dourada, Claustro e Casa
- 5 - Liceu de Artes e Ofícios e Anexo
- 6 - Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de São Antônio
- 7 - Igreja de N. Sra. da Conceição dos Militares
- 8 - Capela de N. Sra. da Conceição da Congregação Mariana & Igreja do Divino Espírito Santo
- 9 - Igreja de N. Sra. do Rosário dos Homens Pretos
- 10 - Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, Igreja da Ordem Terceira do Carmo e Convento e Igreja de Nossa Senhora do Carmo
- 11 - Igreja de N. Sra. do Livramento
- 12 - Igreja de S. Pedro dos Clérigos
- 13 - Mercado de São José
- 14 - Igreja de Nossa Senhora do Terço
- A - Igreja do Paraíso e Hospital da Santa Casa de Misericórdia (demolidos)
- B - Igreja dos Martírios (demolido)
- C - Arco de Santo Antônio (demolido)

Figura 22: Planta do Bairro de Santo Antônio de Douglas Fox (1906) com destaque para as mudanças e permanências em relação ao séc. XXI. Fonte: Trabalho da Disciplina de Projeto 7 ocorrida em 2021, dos alunos Lysandra, Lucas, Ana, Thais e Ricardo.

b. O cotidiano do recifense no centro do Recife no século XX

Enquanto as mudanças físicas ocorriam, a população ia se adequando e se apropriando das novidades atrativas do centro da cidade do Recife. As ruas do bairro de Santo Antônio eram as mais movimentadas, concentrando equipamentos culturais, serviços, lojas de comércio, praças, igrejas e órgãos do governo. Os logradouros mais frequentados eram a Rua Nova e 1º de março, pelos homens e mulheres abastados e bem-vestidos, intelectuais, trabalhadores, comerciantes ambulantes e prostitutas. Os edifícios dos jornais promoviam a aglomeração da população em frente a sua localização para ouvir através dos autos falantes as partidas de futebol, as músicas de rádio e as notícias sobre a guerra. O edifício do Diário de Pernambuco (Figura 23), na Praça da Independência, era um desses edifícios que faziam parte do hábito dos transeuntes (COSTA, 2011).

A área do centro mais procurada para os passeios, conhecidos como *footing*, compreendia a Rua 1º de Março e a Rua Nova, que depois, direcionava o fluxo para a Rua da Imperatriz, no bairro da Boa Vista. Os frequentadores eram predominantemente pessoas da elite e muitas mulheres, e o acesso era facilitado pelos bondes que paravam na Praça do Diário e na Praça Maciel Pinheiro, - essa no Bairro da Boa Vista. As mulheres iam ao centro para passear, mas também para fazer compras, frequentar a igreja, conversar em frente às vitrines das lojas e exibir suas vestimentas mais curtas e seus chapéus (COSTA, 2011).

As ruas principais de Santo Antônio – as ruas do comércio elegante, das modistas, das perfumarias, das confeitarias, das joalherias, as ruas cívicas (...) são predominantemente europeias, porém sem a gravidade masculina das do Recife: com uma graça feminina. Cheiros também femininos (FREYRE, 1968, p. 155).

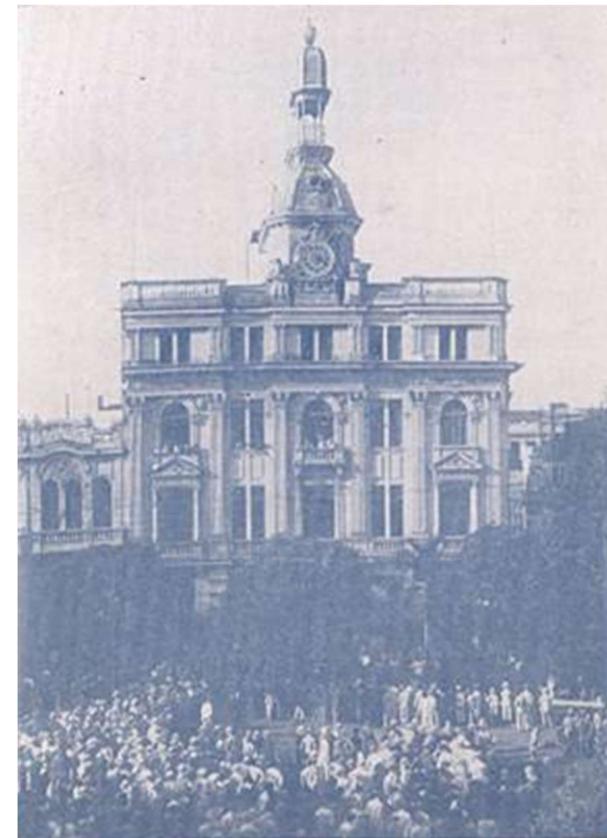


Figura 23: Aglomeração de pessoas em frente ao edifício do Diário de Pernambuco. Fonte: Revista de Pernambuco, nº6, 1924.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=212962&pagfis=313>

A Rua Nova se destacava nesse eixo, concentrando, nos anos 1920, além de lojas de diversificados artigos de luxo, a confeitaria Crystal e a Bijou, o cinema Royal e o Pathé – o primeiro cinema de rua do Recife. Era a rua preferida para os *footings*, que aconteciam nas calçadas, enquanto os bondes transitavam pela calha da rua. Toda essa dinâmica valorizada pela população também era comentada pelos jornalistas e fotógrafos, que aproveitavam o cenário para coletar material que pudesse alimentar as colunas das revistas sociais do cotidiano. Em 1930, as vitrines iluminadas desse mesmo logradouro contribuíram ainda mais para a valorização da área pela população, sendo um dos principais motivos para ida ao centro da cidade (Figura 24) (COSTA, 2011).

A chegada dos bondes da Tramways em 1914 incentivou os passeios das pessoas, que moravam mais longe, pelas ruas de Santo Antônio em busca do comércio e do lazer. Eles eram o único meio de transporte da população, tanto para ricos quanto para pobres, e havia divisão de classes entre os bondes. O seu trajeto passava pela Praça da República e da Independência e pela Rua 1º de Março (Figuras 25 e 26), no Bairro de Santo Antônio, que interligava o Bairro do Recife, passando pela Avenida Marquês de Olinda, ao Bairro da Boa Vista, no Parque 13 de Maio. A dinâmica dos bondes – seus percursos, paradas e janelas abertas - contribuía para os encontros das pessoas sentadas juntas a conversar enquanto observavam a paisagem da cidade (COSTA, 2011).



Figura 24: Rua Nova, 1940. Fonte: Cultura PE. Disponível em: http://www.cultura.pe.gov.br/wp-content/uploads/2015/01/Rua-Nova_Recife.jpg



Figura 25: Bondes na Praça da Independência, 1915-1927. Fonte: Coleção Allen Morrison. Disponível em: <http://www.tramz.com/br/re/re28.html>

Com as reformas urbanas, um novo point dos passeios surgia: A Avenida 10 de Novembro, atual Av. Guararapes, com as galerias de pé direito duplo que protegia o usuário da chuva e do sol. Essas galerias proporcionaram permeabilidade física e visual aos usuários, possibilitando o acesso fácil às lojas do térreo e à avenida. As marquises também funcionavam como point para local de espera e extensão dos bares, além de abrigarem engraxates e comerciantes ambulantes (COSTA, 2011).

A Praça da Independência, por sua vez, estava inserida nesse ambiente de efervescência do cotidiano erudito do Recife, com grande movimentação de pedestres, ponto nodal de articulação do eixo da Rua 1º de Março com a Rua Nova, além do seu entorno com grande número de estabelecimentos comerciais e culturais. O edifício do Diário de Pernambuco atraía o público para a permanência na Pracinha ao transmitir as músicas de rádio, os jogos de futebol e ao estampar a edição do dia em suas paredes, fazendo do espaço público da Praça o epicentro da comunicação, de onde partiam as notícias e informações que as pessoas viriam a espalhar por toda a cidade segundo Costa (2011). A referida autora analisa que a Pracinha, junto com a Rua Nova e a Av. 10 de Novembro, eram os espaços públicos nos quais ocorriam as principais práticas rotineiras de convívio social da elite recifense – que eram maioria dos usuários desses espaços (COSTA, 2011).

Outra dinâmica cultural bastante comum no bairro de Santo Antônio é o Carnaval. Entre 1920 e 1940, essa festividade estava muito voltada para as elites, e era nesse bairro onde se concentravam as sedes dos clubes carnavalescos que saíam movimentando a Rua Nova e a Pracinha (COSTA, 2011).

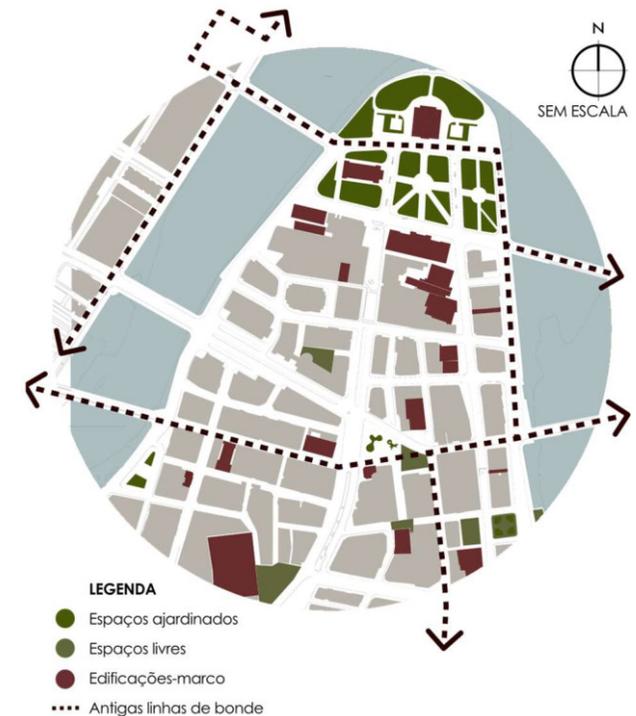


Figura 26: Percursos de bonde no Bairro de Santo Antônio em mapa-base de 2022. Fonte: De autoria própria.

Outro ponto de grande efervescência era a Rua Nova, onde todos faziam o passo ao som das orquestras dos clubes que ali passavam ou dos alto-falantes colocados pelas próprias casas comerciais. Era uma loucura generalizada, havendo trechos em que mal se podia andar, tal o delírio da multidão, alucinada e incansável, que enchia aquela rua, e que, depois de uma determinada hora, se dirigia a concentração final na Pracinha (PARAÍSO, 2002, p.184).

Os clubes carnavalescos saíam com estandartes e muita música, além de pessoas fantasiadas, e as ruas recebiam iluminação e decoração especial para receber a festa. Após os passeios, os grupos geralmente seguiam até a Praça da Independência para finalizar os desfiles, que também era enfeitada e onde ocorriam os concursos de agremiações carnavalescas, motivo pelo qual eram montados palcos e outras estruturas para abrigar os jurados que observavam as apresentações. Essa característica de apoteose carnavalesca fez com que a Pracinha ficasse conhecida, nos anos 1940, como Quartel General do Frevo. A Pracinha também recebia o carnaval dos populares, que saíam em blocos pelas ruas e pontes e se concentravam na mesma (Figura 27).



Figura 27: Passista no Carnaval de 1958. Foto: Mario de Carvalho. Disponível em: <https://revista.algomas.com/7-fotos-do-carnaval-do-recife-antigamente/>

Eventos cívicos, tais como comícios e palestras, eventos de massa que contribuía com a propaganda política e legitimação do governo, eram bastante frequentes nas praças e parques da cidade. As datas de Dia do Trabalho, Semana da Pátria, Dia da Bandeira, Abolição da Escravatura eram divulgadas nos jornais locais com manchetes de impacto. As paradas e desfiles ocorriam frequentemente nas ruas do centro e costumavam ocupar uma semana inteira de programação. A data do 1º de Maio era das mais festivas e ocupava uma semana de festividades pela cidade, com desfiles nas ruas e praças do centro, dentre as quais estavam a Praça da República, do Diário, Arthur Oscar, Joaquim Nabuco, Adolfo Cirne e os parques do Derby e 13 de Maio (COSTA, 2011).

A Praça do Diário, principalmente na década de 1940, recebeu comícios políticos de grande porte e vários acontecimentos cívicos (COSTA, 2011). Nesse sentido, Costa (2011) conclui que a Pracinha figura entre os espaços públicos onde eram realizadas as práticas tradicionais de carnaval em clubes e desfiles à fantasia das elites, e de populares, junto com a Rua Nova, e onde se realizavam as práticas cívicas de discurso, paradas e desfiles, dos quais participavam trabalhadores, militares, estudantes e populares. A autora não apresenta, portanto, práticas religiosas na Pracinha, apesar do recorte temporal de estudo já apresentar a Praça voltada para a Igreja de Santo Antônio.

c. Intervenções paisagísticas na Praça da Independência

Em 1975, a Pracinha recebeu ajardinamento e tratamento paisagístico, de autoria das arquitetas da Prefeitura do Recife Maria do Socorro Mussalém e Maria Inês Mendonça, com área de 12.109m² (Figura 28) (SOUSA *et al.*, 2004) . Nessa ocasião, foram inseridas espécies arbóreas, gradil, mesas e bancos de concreto, um grande canteiro e um lago com fonte, ambos em formato ameboide. Eram frequentes a atividade, além dos comerciantes, dos pregadores evangélicos, de idosos jogando dominó e de artistas (Figuras 29 e 30) (SÁ CARNEIRO; MESQUITA, 2000).

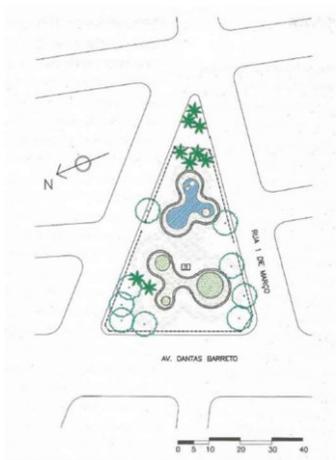


Figura 28: Planta-baixa do projeto paisagístico de 1975. Fonte: SÁ CARNEIRO, MESQUITA, 2000, p. 75

Figura 29: Idosos jogando dominó, gradeamento arborização e desenho de piso na Pracinha, 1999. Fonte: CÂMARA, 2002, p. 69.

Figura 30: Lago da Pracinha com sede do Diário ao fundo. Fonte: SOUSA, et al., 2004.

Os quiosques fixos dos comerciantes de rua que estão hoje na Praça foram fruto de uma série de ações na década de 1990, da Prefeitura do Recife no âmbito do Plano de Revalorização do Centro de Recife, de 1992, criado, pela Prefeitura de Recife em parceria com o Clube de Diretores Lojistas, que buscou ordenar a atividade dos comerciantes no Bairro de Santo Antônio e São José no intuito de tentar transformar as ruas com predominância de atividade comercial em ruas-shopping. Nesse contexto, os comerciantes antes alocados espontaneamente com suas bancas nos logradouros foram removidos e direcionados para o Camelódromo da Dantas Barreto e de Santa Rita, ambos no bairro de São José e nas ruas-shopping. Pela característica dessa atividade de se localizar onde o cliente está, os camelôs acabaram retornando para a Pracinha, ocasião na qual possivelmente a Prefeitura consolidou a atividade e providenciou a construção dos quiosques (Figura 31) (COSTA, 2003).

Em 1998, o Diário de Pernambuco, em parceria com a Prefeitura do Recife, lançou o concurso público "Um marco para o Terceiro Milênio", que recebeu propostas de projetos paisagísticos para a Pracinha. Os vencedores desse concurso foram Roberto Ghionni e Vera Pires, que buscaram reafirmar a Praça como espaço de encontros e manifestações das mais diversas (CÂMARA, 2002). A proposta demonstrou preocupação em expandir a área restrita ao triângulo, incorporando ao espaço o quadrado remanescente do Plano de Post de 1639, além de conectá-la com os seus principais elementos de força – a Matriz do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio, o edifício-sede do Diário, a Igreja do Rosário dos Homens Pretos e a Avenida Guararapes, além da ponte Maurício de Nassau que liga ao Bairro do Recife pela Rua 1º de Março. No quadrante, foi designado um espaço cívico, em frente ao edifício do Diário. Já no centro, foi desenhado um espelho d'água, por cima do qual se transita através de uma ponte



Figura 31: Quiosques de comércio e gradeamento, 1999. Fonte: COSTA, 2003, p. 160

que liga a uma nova edificação. A área de estar aproveita a arborização existente, enquanto um piso conduz o transeunte para a Igreja de Santo Antônio (Figuras 32 e 33).

Sobre a arborização e tratamento paisagístico dos outros espaços livres do Recife, Mesquita (1998) afirma que a maior parte das principais espécies vegetais cultivadas nas ruas do Recife eram árvores de médio e grande porte. Segundo a autora, os bairros tradicionais possuíam predominância de oitizeiros formando um dossel, convivendo com figueiras e sibipirunas, que foram substituídas gradativamente por cassias amarelas, mais resistentes à aridez do espaço urbano. Além dessas, também são frequentes as amendoeiras da Índia, acácias mimosas, pau d'arcos, craibeiras, espatódeas e outras.

Ainda segundo Mesquita (1998), registra-se a presença de peças de mobiliário urbano de concreto, pedra granilite ou tijolo maciço com formas mais puras e curvilíneas que se estendiam aos desenhos dos canteiros e jardineiras, além da inserção de parques infantis e uso de pedra portuguesa nos pisos. Esses elementos foram introduzidos nos princípios paisagísticos de Roberto Burle Marx, responsável pela terceira fase áurea do paisagismo no Recife e acabaram influenciando no tratamento das praças ajardinadas que não receberam intervenção do paisagista. Nesse momento, amplia-se o uso de amplos gramados pontuados por forrações de formas esculturais, a exemplo dos filodendros, *alamandas*, marantas e outras. Os logradouros públicos passam a contar com resedás, colônias, capim-santo, jasmims, crótons, lírios, crótons, com arranjos antes restritos aos jardins privados (MESQUITA, 1998).

Um álbum iconográfico foi construído para melhor compreensão das transformações ocorridas na Praça da Independência do séc. XIX até o séc. XXI. As fontes das figuras constam no Apêndice A desse trabalho.



Figura 32: Planta da proposta vencedora do concurso, por Ghionni e Pires. Fonte: Acervo dos autores, de 1998, obtida em 2022.

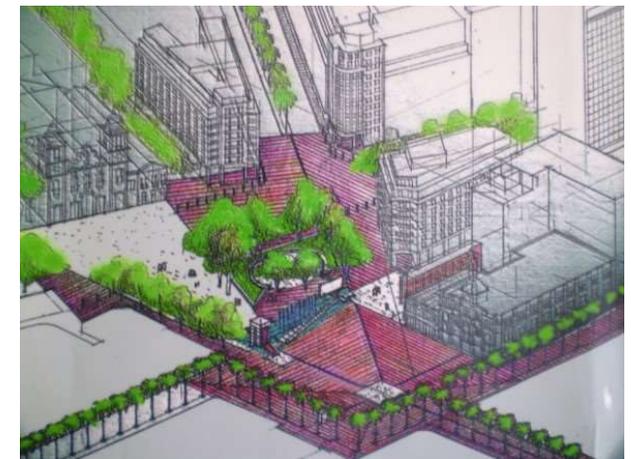


Figura 33: Perspectiva da proposta vencedora do concurso, na qual é possível identificar a relação da Praça com os elementos de força, por Ghionni e Pires. Fonte: Acervo dos autores, de 1998, obtida em 2022.



Iluminação pública na R. Nova e Ponte da B. Vista ao fundo

Figura 34



Esquina da R. Larga do Rosário, onde se localiza o atual Edf. Louvre

Edifício e quadra que deram lugar a atual Av. Dantas Barreto

Figura 36



Lojas de comércio da Pça. da Independência

Figura 35



R. Nova e linha de bonde

Lojas de comércio

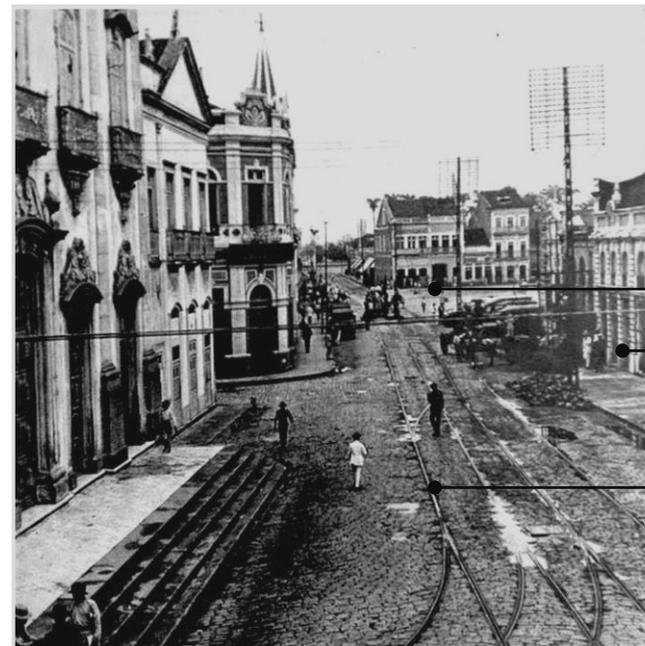
Figura 37



Esquina do atual
Edf. Louvre

Canteiros e
vegetação
arbustiva

Figura 38



Pátio do Paraíso

Quadra demolida
para abertura da
Av. Dantas Barreto

Pça. Saldanha
Marinho e Igreja
Matriz do
Santíssimo
Sacramento de
Santo Antônio

Figura 40



Sede do Diário de Pernambuco

Rua Primeiro de Março

Figura 39

Antiga sede do jornal Diário de Pernambuco na Pracinha, hoje ao lado do edifício do Diário com relógio



Figura 41



Esquina da R. Larga do Rosário, onde se localiza o atual Edf. Louvre

Canteiros e arborização na Pça. da Independência, com R. Nova ao fundo.

Figura 42



Lojas de comércio

Figura 43



Figura 44

Edifício do Diário de Pernambuco

Esquina da R. Primeiro de Março com Duque de Caxias

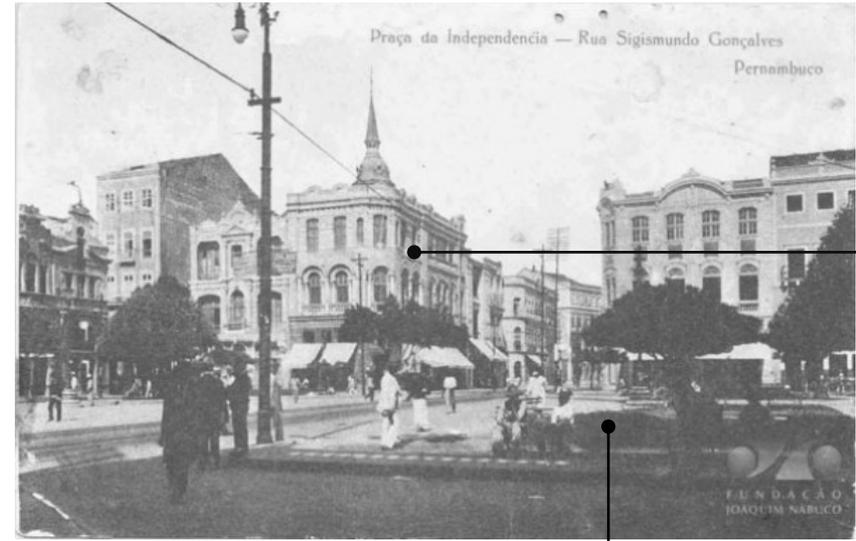


Figura 46

Esquina do atual Edf. Louvre

Canteiros, mobiliário e arborização em frente ao Edf. do Diário



Figura 45

Esquina da R. Primeiro de Março com Duque de Caxias

Arborização

Comerciantes ambulantes



Figura 47

Arco de Santo Antônio em demolição

R. Primeiro de Março e Pracinha ao fundo



Figura 48

R. Primeiro de Março

Canteiros na esquina da R. Duque de Caxias

Quadra inteiramente demolida para abertura da Av. Dantas Barreto

Igreja Matriz de Santo Antônio

Pça. Saldanha Maranhão

R. Sigismundo Gonçalves



Figura 50

Esquina da R. Duque de Caxias, onde hoje se localiza o Edf. Arranha-céu da Pracinha

Esquina da R. Larga do Rosário, onde hoje se localiza o Edf. Brasil



Figura 49

Torre da Igreja do Rosário

Pátio do Paraíso

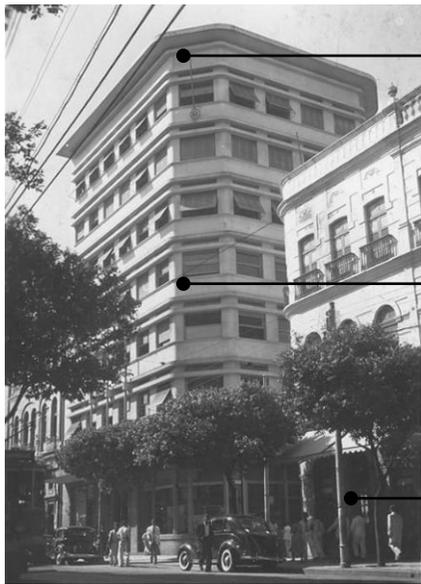
Igreja Matriz de Santo Antônio

Igreja do Paraíso

Torre do relógio do Edf. Diário de Pernambuco



Figura 51



Edf. Sulamérica

Quadra demolida para abertura da Av. Dantas Barreto

Arborização

Figura X

Figura 52



Edf. Arranha-céu da Pracinha

Arborização

Figura 53



Bairro do Recife

Edf. Arranha-céu da Pracinha

R. Primeiro de Março

Arborização

Calçada central

Figura 54



Edf. Sulamérica

R. Larga do Rosário

Figura 55

1930

1940

59

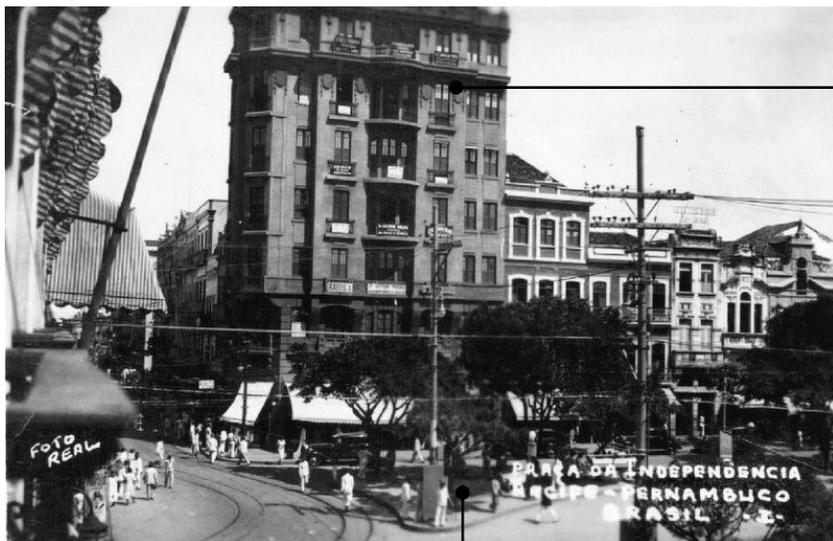


Figura 56

Canteiros e arborização na esquina da R. Duque de Caxias

Edf. Arranha-céu da Pracinha

R. Duque de Caxias

R. Duque de Caxias



Figura 58

Pracinha em reforma



Figura 57

Edf. Arranha-céu da Pracinha

Edf. Sulamérica

Canteiros e arborização

Torre da Igreja de Santo Antônio

Canteiros e mobiliário da Pracinha em reforma



Figura 59



Edf. Sulacap em construção

Pátio do Paraíso

Figura 60

Igreja do Paraíso, onde hoje se localiza hoje o Edf. Santo Albino



Edf. Sulamérica

Pracinha em reforma

Figura 62



Torre do relógio do Diário

Figura 61



Edf. do Diário

Edf. Sulamérica

Figura 63

1940

1945



Figura 64

Edf. Sulamérica

Quadra demolida para abertura da Av. Dantas Barreto

Igreja Matriz de Santo Antônio

Pracinha em reforma para construção da Av. Dantas Barreto

Quadra demolida para abertura da Av. Dantas Barreto



Figura 65

1945



Figura 66

Igreja Matriz de Santo Antônio

Edf. Sulacap

R. das Trincheiras

Quadra demolida para abertura da Av. Dantas Barreto



Figura 67

Edf. Seguradora em construção

Construção da Av. Dantas Barreto

1946



Igreja Matriz de Santo Antônio

Edf. Sulamérica



R. Nova

Calçada do Edf. do Diário

Figura 68

Figura 70



Torre da Igreja do Carmo

Igreja Matriz de Santo Antônio

R. das Trincheiras

Demolição de quadra para abertura da avenida

Av. Dantas Barreto

Figura 69



Igreja Matriz de Santo Antônio

Edifício demolido para a construção do Edf. Bancipe

Canteiros, mobiliário e vegetação da Pracinha

Figura 71



Edf. Brasil

Edf. Arranha-céu da Pracinha

R. Duque de Caxias

Esquina da R. Larga do Rosário, atual Edf. Louvre

Canteiros, arborização, paginação de piso e mobiliário da Pracinha

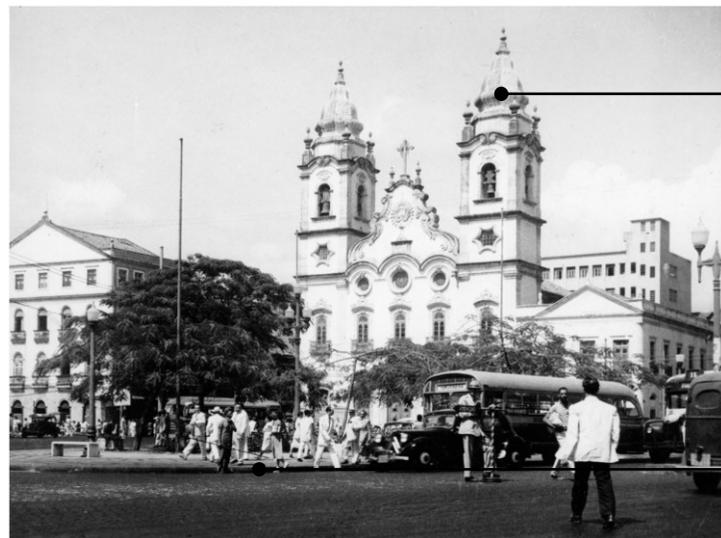
Figura 72



Av. Guararapes

Paginação de piso

Figura 74



Igreja Matriz de Santo Antônio

Canteiros e arborização da Pracinha

Figura 73



Edf. Sulacap

Edf. Santo Albino em construção, na esquina da Av. Guararapes com a Av. Dantas Barreto

Figura 75



Edf. Bancipe

Edf. Sulamérica

Av. Dantas Barreto

R. Nova

Igreja Matriz de Santo Antônio

Canteiros e arborização da Pracinha

Figura 76



Igreja Matriz de Santo Antônio

Reforma na Pracinha

Figura 78



Edf. Bancipe

Paginação de piso e mobiliário

Figura 77



Edf. Bancipe

Edf. Sulamérica

Igreja Matriz de Santo Antônio

Edf. Louvre

Novos canteiros e arborização da Pracinha após reforma

Figura 79



Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento

Arborização

R. Nova

Figura 81



Figura 80

Edf. Seguradora

Arborização amadurecida e paginação de piso

Parada de ônibus

Gradil

Canteiro com lago ameboide

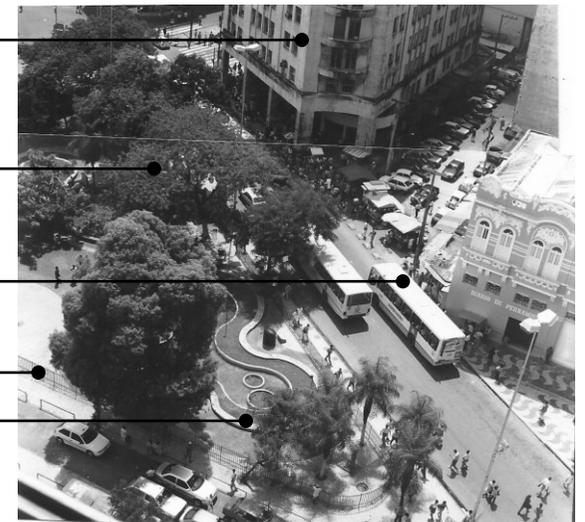


Figura 82

3. A PRACINHA DO DIÁRIO: UM ESPAÇO PÚBLICO RESILIENTE DO RECIFE DE HOJE

a. Condicionantes legislativos e ações da gestão pública na área

A Praça da Independência e o edifício-sede do Diário de Pernambuco estão inseridos no Setor de Preservação Rigorosa (SPR) 6 da Zona Especial de Patrimônio Histórico (ZEPH) 10 (Figura 83), de acordo com a definição da Lei de Uso e Ocupação do Solo do Recife (LUOS) (Lei nº 16.176/1996). O Plano Diretor do Recife (PD) (Lei nº 18.770/2020 e Lei Complementar nº 2/2021) define as ZEPH's como “áreas do território formadas por sítios, ruínas, conjuntos ou edifícios isolados de expressão artística, cultural, histórica, arqueológica ou paisagística, considerados representativos da memória arquitetônica, paisagística e urbanística da cidade”. A LUOS (1996) reforça que as ZEPH's possuem características especiais e que as áreas que são SPR's são de importância histórico-cultural que necessitam de manutenção, restauração ou compatibilização com o conjunto do sítio. Assim, o zoneamento urbanístico municipal consolida a associação praça-edifício na SPR-6, reforçando a relação intrínseca da Pracinha do Diário com o jornal.

O PD (2020) (Lei nº 18.770/2020; Lei Complementar nº2/202) delimita a área do Bairro de Santo Antônio como Zona de Desenvolvimento Sustentável (ZDS) Centro, a qual concentra as ZEPH's do município. No artigo 45, a lei prevê que as intervenções nessa área deverão garantir a preservação dos recursos naturais, do patrimônio cultural, do meio ambiente, promovendo a integração entre os bairros, requalificação dos espaços públicos e a valorização dos bens culturais da cidade. Dentre as diretrizes previstas para as ZDS, estão o estímulo à relação entre o lugar e os valores materiais e imateriais, à ocupação sustentável, convivência de múltiplos usos e equilíbrio entre a utilização dos espaços públicos e privados, à implantação de corredores arborizados que integrem os espaços verdes e proteção dos elementos-marco da paisagem e



Figura 83: Zoneamento da Lei de Uso e Ocupação do Solo do Recife, de 1996, ainda em vigor, conforme Plano Diretor da Cidade do Recife, de 2021. Fonte: Imagem de satélite do ESIG Recife, dados da DPPC, 2021, De autoria própria..

das comunidades tradicionais e os modos de fazer. Além disso, o PD (2020) prevê que as ZEPH's estarão sujeitas ao Plano de Preservação do Patrimônio Cultural, ainda em elaboração pela DPPC, que tem feito estudos aprofundados sobre as áreas de interesse histórico do Recife.

Além do reconhecimento legislativo do bairro e da Pracinha como de importância histórica e cultural, a gestão pública municipal do Recife vem investindo na revitalização do centro da cidade, e desde 2000, tem implementado projetos com o objetivo de estimular a preocupação das áreas centrais por determinados setores da economia. Um exemplo dessa ação é o Projeto Porto Digital, uma iniciativa que implantou um parque urbano de tecnologia e inovação no Bairro do Recife, na época, local com predominância de edificações históricas sem uso. Com o apoio do Fundo Cultural do BNDES, esse projeto viabilizou a revitalização da área de atuação do parque tecnológico, cuja abrangência expandida inclui os bairros de Santo Amaro, São José e Santo Antônio. Em 2016, o Porto Digital impulsionou o *Concurso Porto Digital de Arquitetura Para o Diário de Pernambuco*, localizado na Pracinha (Figuras 84 e 85). A proposta vencedora do concurso, de acordo com o edital, receberia, além do prêmio, a assinatura do contrato do projeto executivo para restauração do edifício (ARCHDAILY, 2016).

Nesse sentido de buscar iniciativas para aproveitar a infraestrutura das áreas centrais da cidade, a prefeitura do Recife lançou em 2021 o Programa RECENTRO, instituído pela Lei nº 18.869/2021. Esse programa dá incentivos fiscais, de inovação e de investimentos para a instalação de atividades econômicas, habitacionais de interesse social, conservação dos imóveis e instalação ou manutenção de usos voltados à cultura, lazer e turismo nas ZEPH's 09 e 10, bairros do Recife, Santo Antônio e São José. O artigo 6º, no Anexo Único dessa lei, apresenta de maneira mais objetiva o que é considerado estabelecimento de uso cultural e de lazer, e estão relacionados na Tabela 1, abaixo:



Figura 84: Proposta de Atelier 77 para o prédio do Diário. Fonte: Porto Digital/ Diário de Pernambuco



Figura 85: Proposta vencedora do concurso, de Estevan Barin Moreira para o prédio do Diário. Fonte: Porto Digital/ Diário de Pernambuco

Tabela 1: Usos incentivados pelo RECENTRO - Anexo Único da Lei nº 18.869/2021

1.1.1 - DIVERSÕES PÚBLICAS - Mercado audiovisual (cinema, inclusive auto-cine, atividades de produção cinematográfica, de vídeos e congêneres); - Fonografia ou gravação de sons, inclusive trucagem, dublagem, mixagem e congêneres - Fotografia e cinematografia, inclusive revelação, ampliação, cópia, reprodução, trucagem e congêneres; - Shows, ballet, danças, desfiles, bailes, óperas, concertos, recitais, festivais, casa noturna e congêneres; - Jogos eletrônicos (inclusive online) e outros jogos permitidos - Espetáculos teatrais e de Auditórios; - Exposições, Aquários e Planetários; - Passeios e atividades Náuticas.	1.1.2 - SERVIÇOS PÚBLICOS, COMUNITÁRIOS E SOCIAIS - Instituição Filosófica e Cultural; - Museus Particulares. 1.1.3 - REPRESENTAÇÃO, AGENCIAMENTO E CORRETAGEM - Promoção de Eventos, Feiras e Congressos. 1.1.4 - BELEZA E HIGIENE PESSOAL - Barbearia, Tratamento de Pele, Embelezamento e Afins; - Massagem, Modelagem, Ginástica Física e Congêneres; - Outros Serviços Relacionados com Higiene e Apresentação.	1.1.5 EDUCAÇÃO - CURSOS DE DANÇA; - Escola de Música; - Escola de Teatro; - Escola de Pintura, Escultura e Correlatos.
--	---	--

Fonte: Anexo Único da Lei nº 18.869/2021.

Nota-se, a partir disso, o interesse na introdução de atividades de lazer e cultura na área, diversificando a predominância comercial, mas que por outro lado, busca fornecer equipamentos urbanos atrativos que atendam à tendência turística trazida pela construção de complexos hoteleiros de renome nos bairros do Recife e de São José. Isso demonstra a eminência de alteração significativa na dinâmica na área de abrangência do RECENTRO, inclusive do entorno da Praça da Independência. Isso já pode ser notado atualmente, uma vez que a gestão municipal tem promovido atividades culturais aos domingos na Avenida Guararapes, que fica fechada para o trânsito dos ônibus, dando lugar à feira de artesanatos, shows, apresentação artística e alguns serviços públicos como emissão de documentação, vacinação canina e medição de sinais vitais (Figuras 86 e 87).

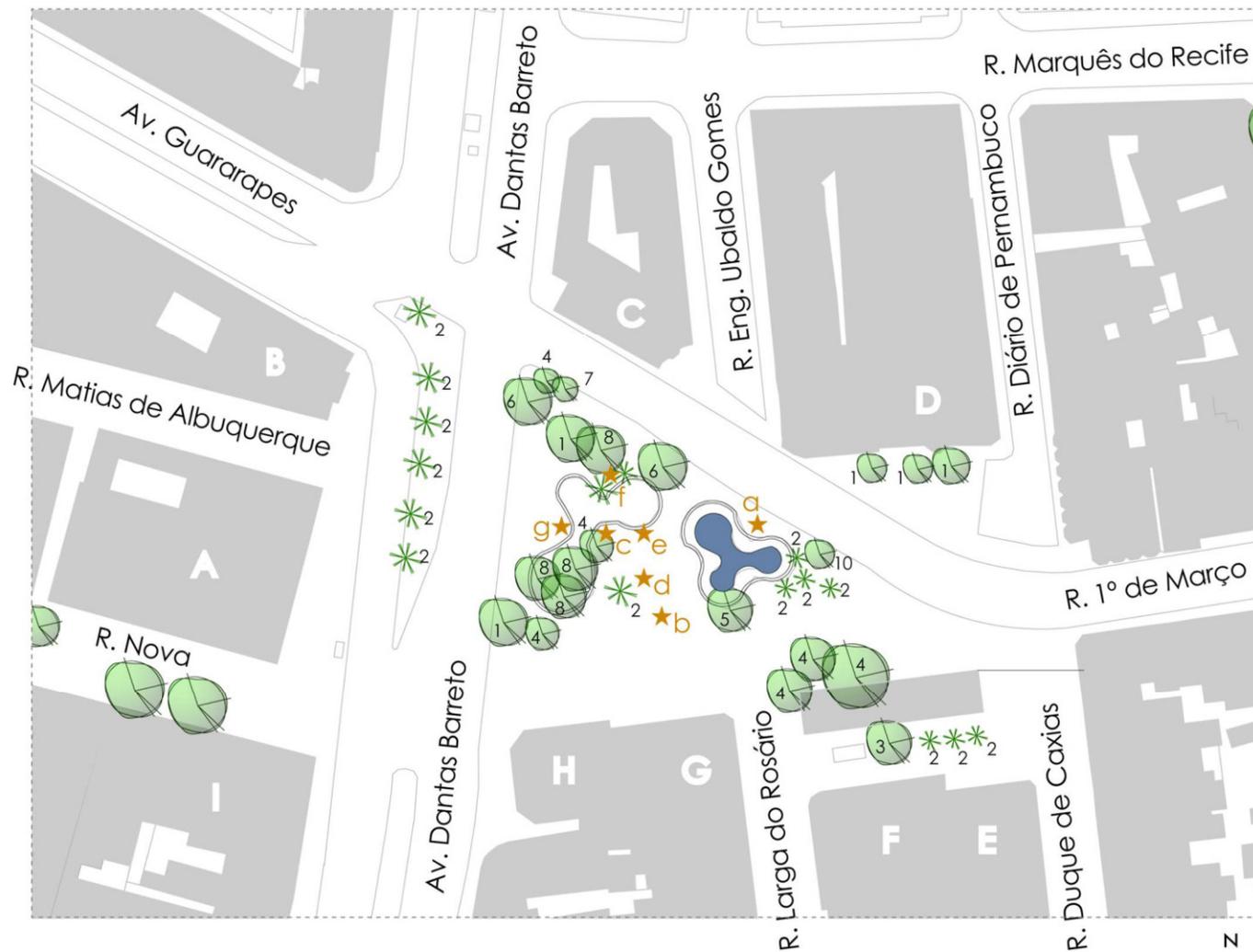


Figura 86: Estrutura de comunicação visual do Recentro na Pracinha. Fonte: De autoria própria, 2022.

Figura 87: Viva Guararapes: dia de atividades de cultura e lazer na Av. Guararapes. Fonte: De autoria própria, 2022.

b. A Pracinha de hoje: problemáticas e potencialidades

De acordo com o Diagnóstico Propositivo para as Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Cultural – ZEPP (2019), elaborado pela Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural (DPPC), a Pracinha do Diário está atualmente delimitada por edifícios horizontais sem pódio e sem recuos na maior parte das edificações, mas também de sobrados, um templo – a Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio, que teve sua construção concluída em 1790, além de um edifício vertical de 5 a 10 pavimentos com galeria – o Edf. Seguradora - e de 11 a 20 pavimentos sem pódio e sem recuos – Edf. Brasil, por sua vez. Quanto a cobertura vegetal, a Pracinha possui um grande canteiro ameboide – fruto do projeto paisagístico de 1975 - com espécies arbóreas de maior porte, as quais promovem sombra que é aproveitada pelos transeuntes sentados nos bancos, enquanto outras espécies vegetais de porte arbustivo estão plantadas em canteiros isolados em vários pontos da Praça, oferecendo sombra às barracas dos comerciantes ambulantes protegendo-as. A Pracinha conta ainda com 7 peças de obra de arte, dentre as quais estão bustos, esculturas e placas que exaltam personalidades influentes do jornalismo, comerciantes e a importância do jornal Diário de Pernambuco para a cidade. A autoria das obras é dos artistas Corbiniano Lins, Abelardo da Hora, Demétrio de Albuquerque e Audálio Alves (Figura 88).



LEGENDA

EDIFÍCIOS

- A - Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio
- B - Edifício Sulacap
- C - Edifício Seguradora
- D - Edifício-sede do Diário de Pernambuco
- E - Aranha-céu da Pracinha
- F - Edifício Brasilar
- G - Edifício Louvre
- H - Edifício Sulamérica
- I - Edifício do Bandepe

VEGETAÇÃO

- 1 - Ipê Roxo (*Handroanthus impetiginosus*)
- 2 - Macaíba (*Acrocomia intumescens*)
- 3 - Castanhola (*Terminalia catappa*)
- 4 - Cássia amarela (*Senna siamea*)
- 5 - Ipê Amarelo (*Tabebuia aurea* (Manso) Benth. & Hook.f.)
- 6 - Faveiro (*Albizia lebeck*)
- 7 - Pau-brasil (*Paubrasilia echinata*)
- 8 - Chichá (*Sterculia foetida*)
- 9 - Palmeira Imperial (*Roystonea oleracea*)
- 10 - Ipê Rosa (*Handroanthus heptaphyllus*)

BUSTOS E ESCULTURAS

- a - Marco do Diário de Pernambuco (1975)
 - b - Monumento ao Mascate I, de Corbiniano Lins (2005)
 - c - Busto De Assis Chateaubriand, de Abelardo da Hora (1975)
 - d - Busto De Antônio Camelo, de Abelardo da Hora (1995)
 - e - Busto De Aníbal Fernandes, de Abelardo da Hora (1962)
 - f - Placa com poema de Audálio Alves
 - g - Carlos Pena Filho, de Demétrio Albuquerque (2007)
- Fonte: Projeto Recife Arte Pública

Figura 88: Planta baixa da situação atual da Pracinha, com arborização, vias e edificações limítrofes.

O Diagnóstico da DPPC (2019) apresenta ainda que as fachadas dos edifícios limítrofes da Pracinha são parte das tendências estilísticas arquitetônicas ecléticas e modernas, e outras, devido à descaracterização, possuem estilo não identificado (Figura 89). Cerca de 14 edifícios delimitam o espaço livre da Pracinha, e dentre eles, 4 estão completamente sem uso, inclusive o edifício do Diário de Pernambuco e o Sulamérica (Imóvel Especial de Preservação nº 58, construído em 1936 e desocupado em 1995), que se localiza entre a esquina da Praça com a Av. Dantas Barreto e já foi ocupado por grupos de movimento social habitacional, enquanto cerca de 5 edifícios só possuem uso no térreo. O edifício Brasilair, de mais de 10 pavimentos, encontra-se com boa parte dos andares desocupados (Figura 90). Nesse sentido, é importante observar que a pouca diversidade de usos dos edifícios limítrofes e a desocupação de parte considerável deles contribui para a sensação de insegurança do transeunte e esvaziamento noturno da Praça.

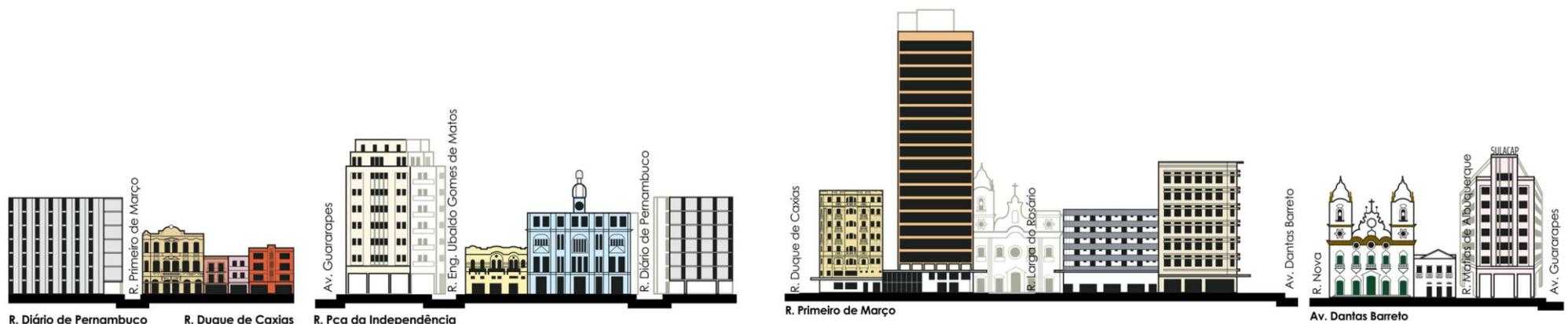


Figura 89: Elevação das fachadas na Praça da Independência, sem escala. Fonte: De autoria própria.

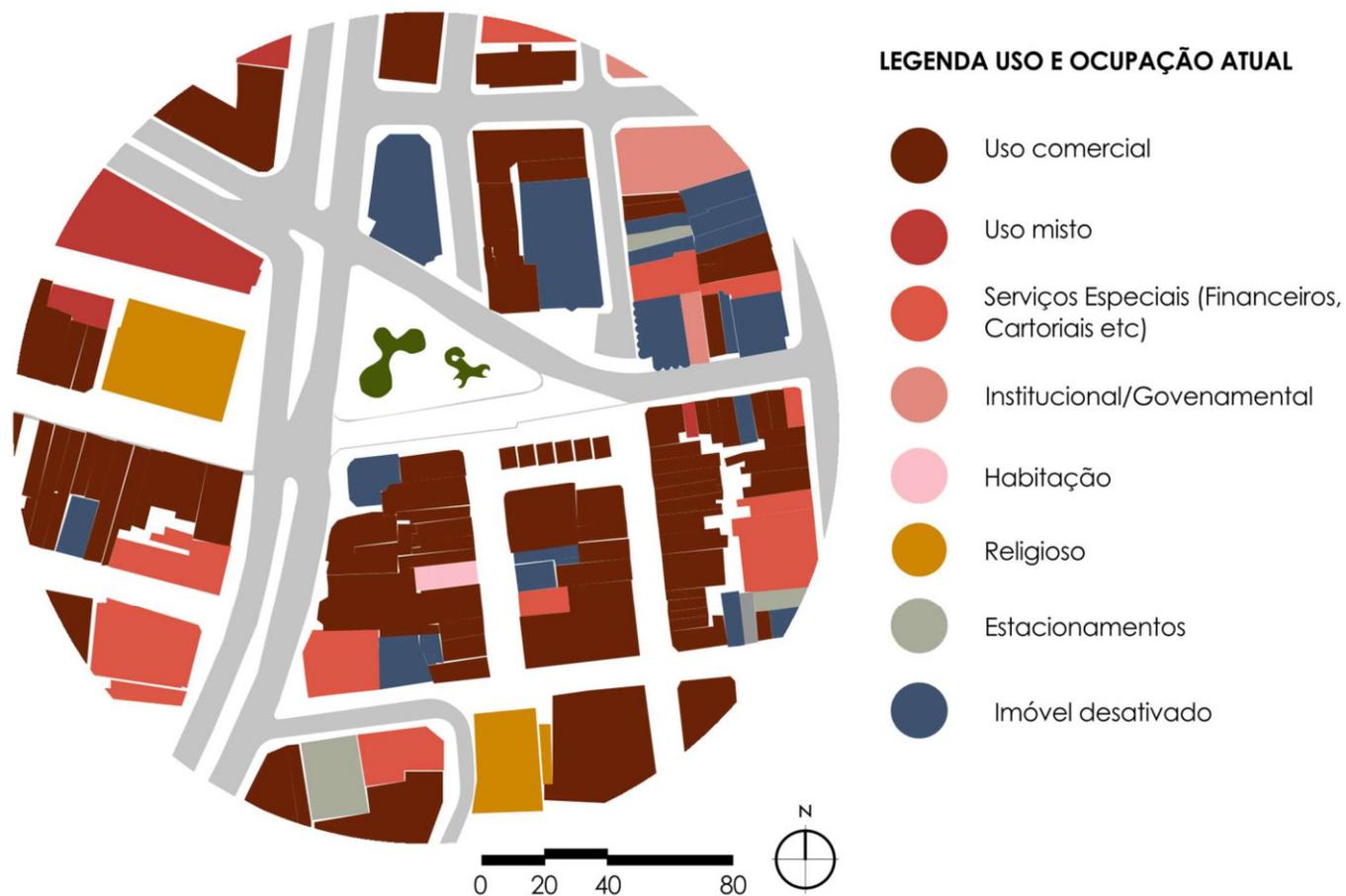


Figura 90: Mapa de uso e ocupação da Pracinha, 2022. Fonte: De autoria própria.

A Pracinha do Diário é um dos espaços públicos mais utilizados pelos cidadãos recifenses, apesar das suas condições desfavoráveis à permanência dos transeuntes devido à ausência de mobiliário adequado. Sua localização favorece o fluxo de pedestres contínuo, sendo ela uma das portas para o 'vuco-vuco', tradicional área comercial do Bairro de São José, que pode ser acessado pela Rua Duque de Caxias. Na esquina dessa mesma rua, estão localizados os

quiosques de comércio de bolsas e mochilas, que foram instalados nos anos 2000. Além desses, outros comerciantes de artigos eletroeletrônicos, água de coco e lanches rápidos se instalam em quiosques e bancas nesse mesmo trecho da Praça (Figura 91). Esse ar comercial é o que recebe o transeunte que chega pela Rua 1º de Março.



Figura 91: Esquina da Rua Duque de Caxias com atividade de comerciantes populares em quiosques e bancas. Fonte: De autoria própria, 2021.

A calçada do edifício do Diário – atualmente sem uso e bastante degradado - funciona hoje como parada de ônibus, mas não há abrigo do sol e da chuva para os pedestres nem mesmo bancos, nos quais se possa aguardar sentado. Nessa calçada, alguns comerciantes instalam suas bancas para venda de lanches, bebidas e confeitos, servindo de ponto de apoio aos usuários do transporte público. Essa parada de ônibus faz com que a travessia da Rua 1º de Março se

torne perigosa para o pedestre, uma vez que os ônibus transitam em alta velocidade, apartando a Pracinha do Diário do prédio do Jornal. Essa via, que conecta a Ponte Maurício de Nassau até a Av. Guararapes é bastante funcional para os ônibus, mas o fluxo pedestre acaba se restringindo ao lado posterior ao do Diário, uma vez que a calçada desse é interrompida pelos tapumes que cercam o acesso à generosa marquise de esquina do Edf. Seguradora, que se encontra vazio (Figuras 92 e 93).

Isso obriga o pedestre a atravessar a Rua Pça da Independência e contemplar a disputada sombra do canteiro ameboide que também funciona como banco. É frequente encontrar pedestres nesse trecho, visto que é o único no qual se pode sentar protegido do sol (Figura 94). Por esse motivo, os pedestres que param sua caminhada para descansar dividem o espaço com moradores de rua, que se abrigam na sombra, utilizam o lago para higiene pessoal e aguardam o anoitecer, quando a Pracinha se torna ponto de distribuição de refeições e outros itens básicos.

Figura 92: Vista da Av. Guararapes a partir da calçada do Diário, com interrupção da calçada do Edf. Seguradora, do lado direito. Fonte: De autoria própria, 2022

Figura 93: Taponamento da marquise de esquina do Edf. Seguradora. Fonte: De autoria própria, 2022

Figura 94: Pedestres sentados no canteiro ameboide sob sombra dos pau's-d'arco. Fonte: De autoria própria, 2022.



Dessa área da Praça é possível contemplar a beleza da fachada em estilo barroco da Igreja do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio, que tem sua monumentalidade contrastada com os 25 metros de asfalto cinza da Av. Dantas Barreto. A travessia dessa avenida é árida, extensa, e perigosa, uma vez que essa via recebe estações de ônibus articulados que transitam pela frente da Igreja, apartando, mais uma vez, a Pracinha do monumento que adotou com o passar do tempo, após as reformas urbanas do séc. XX (Figura 95).



Figura 95: Travessia da Av. Dantas Barreto, Matriz de Santo Antônio e Rua Nova, à esquerda. Fonte: De autoria própria, 2021

Essa travessia árida conduz o pedestre à Rua Nova, logradouro historicamente comercial e um dos mais antigos da cidade, que abriga lojas e muitos comerciantes de rua, ocupando juntos, o importante eixo de conexão da Ilha com a porção continental da cidade, desembocando na Ponte da Boa Vista. As vias que limitam a Pracinha conduzem, assim, pedestres, veículos de transporte público e automóveis para diversos pontos da cidade, sendo possível ainda resgatar

a conexão da Pracinha com outros espaços livres, dentre os quais podemos destacar a Praça Dezessete, o Pátio do Carmo, a Praça da República, o Pátio do Sebo e o Largo da Igreja do Rosário, o qual é possível ser visualizado da própria Pracinha (Figura 96).

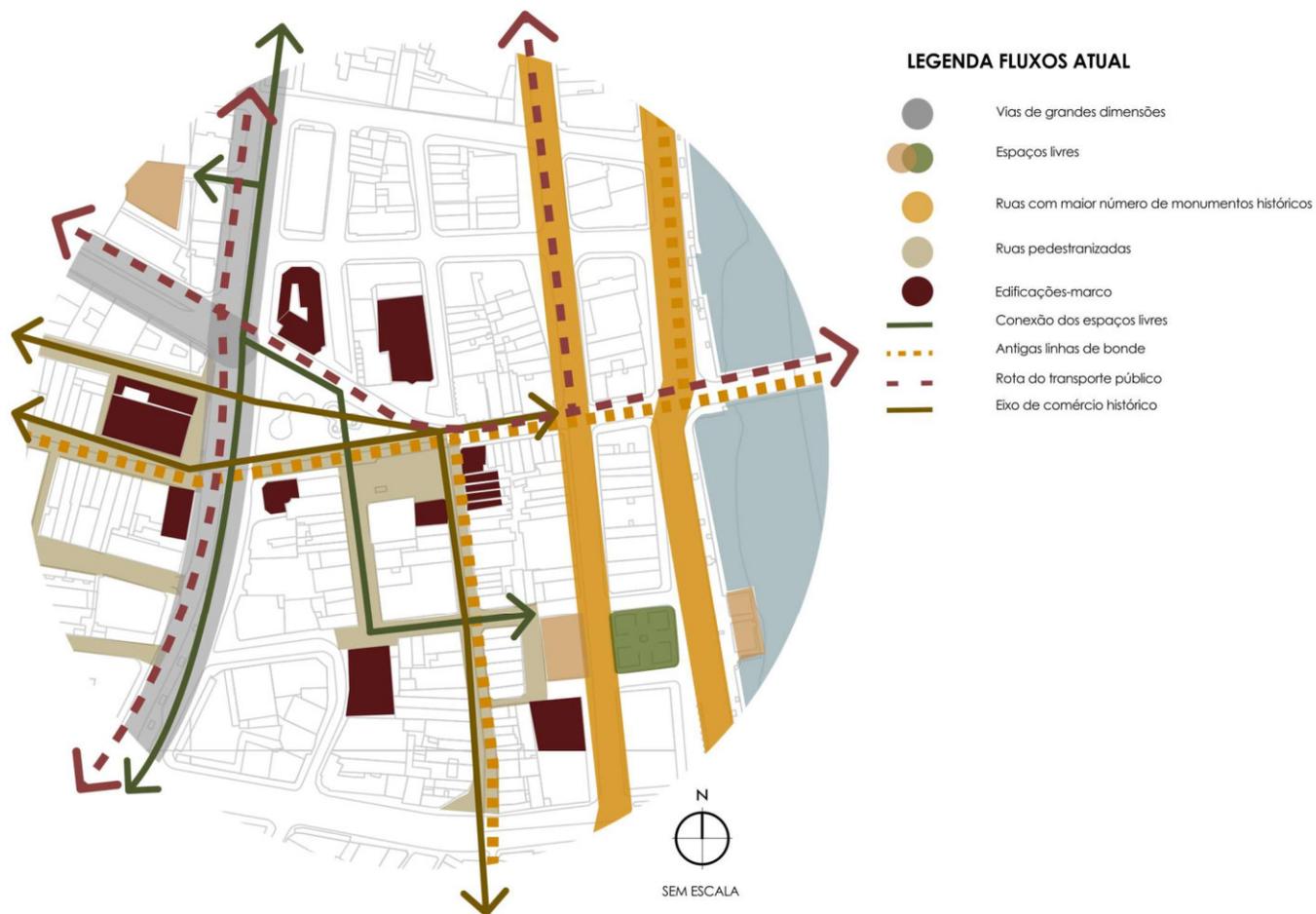


Figura 96: Diagrama de fluxos na Pracinha. Fonte: De autoria própria, 2022.

De maneira geral, nota-se que o uso das edificações, com exceção daquelas localizadas na esquina da Rua Duque de Caxias, não se prolonga nas atividades da Pracinha. A conexão do

interior com exterior dos edifícios está prejudicada, provavelmente devido às vias de grande fluxo e falta de infraestrutura que permita que o uso das edificações extrapole o limite do interior, contribuindo com a vivacidade urbana da Pracinha, similar ao que ocorria até o séc. XX, quando o jornal Diário de Pernambuco, os cafés e as lojas tinham a Pracinha como sua recepção. Por outro lado, o local sempre fez parte das rotas de transporte público para a população desde sua implantação, ainda no séc. XX, com a chegada dos bondes, devido à sua localização como ponto nodal de um dos principais eixos de locomoção da cidade. É pertinente observar ainda que a introdução de usos de lazer e cultura, hoje ausentes, na Pracinha, contribuiria para o uso noturno, que fica esvaziada após o fechamento do comércio, ao passo que durante o dia, é bastante utilizada pelos pedestres para permanência e abrigo.

Assim, percebe-se que apesar das diversas modificações de traçado viário, de canteiros, de mobiliário urbano e vegetação, a Pracinha ainda faz parte do cotidiano do cidadão recifense que transita pela cidade utilizando-se de diversos modais, que compra – e vende – no comércio tradicional de rua da cidade, e que participa das manifestações políticas, culturais e sociais, construindo história e consolidando a paisagem da Pracinha nas suas memórias. É nesse sentido que se verifica a necessidade de intervir nesse espaço público, exaltando seu caráter de centralidade urbana, como intencionado pelos urbanistas modernos, oferecendo condições confortáveis e seguras para as manifestações públicas e para as atividades tradicionais, fornecendo mobiliário urbano que valorize a permanência do pedestre. As novas tendências para o centro do Recife também são uma oportunidade, ao mesmo tempo que podem pressionar a permanência da Pracinha, contribuindo com a sua desqualificação material, no caso de não pensar em estratégias paisagísticas que permitam a convivência dos diversos grupos e interesses.

c. Um 'espaço do público' sem recinto

Cullen (1983) entende 'recinto' como a unidade base da morfologia urbana, para o qual o transeunte é conduzido através dos percursos e onde é possível encontrar sossego e tranquilidade em meio ao ritmo frenético da vida urbana. Nesse sentido, discute-se de maneira mais objetiva quais as diretrizes que devem ser consideradas para uma intervenção paisagística na Pracinha do Diário, compreendendo sua história, sua importância e sua complexidade a fim de reconduzi-la ao caráter de **espaço público recinto**. Para Panerai (1994), o espaço público é o ponto fixo de longa duração no qual a constante dinâmica das pessoas e das atividades em torno das edificações de uma cidade encontra "um marco estável e confiável" ao longo do tempo. Esse fenômeno é o que vem a explicar a durabilidade do espaço público na modificação do tecido urbano ao longo do tempo enquanto as edificações se renovam. Nesse sentido,

em se tratando dos tecidos existentes, deve-se dar extrema atenção ao traçado e ao arranjo dos espaços públicos, como herança comum que é necessário respeitar, conservar e transmitir [...] e se tratando do projeto urbano, deve-se operar-se uma verdadeira inversão de perspectiva, colocando o espaço público como origem e base fundamental do trabalho de projeto [...] pensar como um sistema de espaços públicos formando a base estável do projeto a partir da qual investidores e construtores determinam (PANERAI, 1994, p. 79)

Para esse autor, o espaço público é um **espaço do público**, pertencente à coletividade, aberto e acessível, de domínio público, muito mais do que mero espaço de circulação, seja de veículos ou de pessoas, se diferenciando das edificações pertencentes ao Estado, que são pertencentes à coletividade social ou abertas ao público. Essas, por sua vez, assumem caráter privado, com controle de acesso, horário de abertura e definição preliminar dos seus usos, enquanto o espaço público pode ser constantemente apropriado e assumir distintas funções, a depender de quem o utiliza.

Isso gera a necessidade de se entender o espaço público como elemento ordenador, e não como o vazio residual do ordenamento das construções (PANERAI, 1994), que é a situação enfrentada pela Pracinha do Diário na atualidade, cujo espaço é resultante de diversas intervenções. O autor exemplifica a ação de projeto urbano na Rua Rivoli, Estrasburgo, França, na qual a altura e alinhamento das construções foi definido a partir das cotas do território, tais como níveis das bacias, dos cais, passagens e topo da catedral (Figura 97). Nesse caso, a relação do espaço público com as edificações foi considerada *a priori*. O Recife, assim como outras cidades ocidentais, era configurado de tal modo que os percursos ocorriam a partir dos vazios dos espaços livres públicos. Com o crescimento urbano, os espaços públicos começaram a ser olhados a partir da perspectiva do edifício, o que acarretou o desequilíbrio entre cheios e vazios (PORTZAMPARC; MONGIN, 1995 *apud* ALMEIDA, 2001).

Panerai (1994) também destaca a capacidade do espaço público de integrar as diferentes escalas do desenho urbano ao pontuar a definição dos espaços de circulação de pedestres e diferentes modais de transporte, dos materiais de revestimentos e mobiliário, a posição da vegetação arbórea, dos postes de iluminação e bueiros de coleta de águas pluviais, e aponta ainda o desafio de tornar clara a unidade do conjunto dos espaços públicos das cidades, o que, por consequência, é “tornar sensível a todos sua qualidade de habitante ou – no sentido original – de cidadãos” (PANERAI, 1994, p. 82). É essa unidade de escalas e do conjunto que precisa ser contemplada na intervenção paisagística para a Pracinha do Diário, integrando-a aos espaços livres do entorno, às suas edificações marco, aos seus diversos usos e aos modais de circulação.

A permanência da Pracinha enquanto espaço público ao longo da história do Recife exige a necessidade de se debruçar sobre a linha do tempo daquele lugar, de maneira que seja possível compreender as permanências, as mudanças e as potencialidades, em vista de garantir a

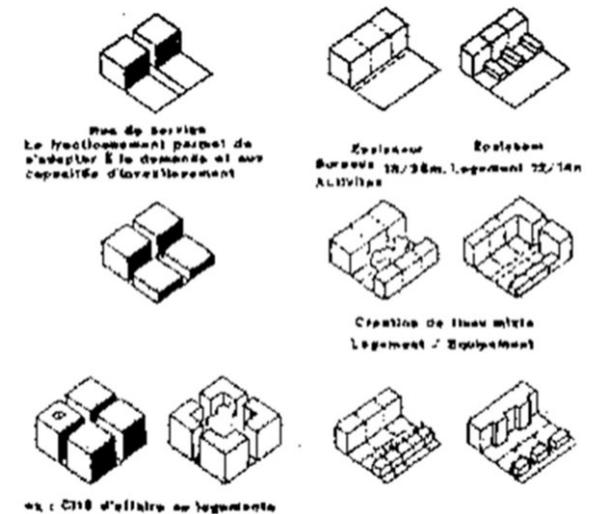


Figura 97: Diagrama de alinhamento das edificações em função do espaço público. Fonte: PANERAI, 1998, p. 81.

continuidade da qualidade do local no futuro, estando ele aberto às novas demandas. Assim, a cidade contemporânea precisa ser analisada de maneira a recuperar a sua história, entendendo o que lhe aconteceu, e a partir de então ser planejada, com o objetivo de articular os elos perdidos (PORTZAMPARC; MONGIN, 1995 *apud* ALMEIDA, 2001).

Essa união entre os “elos perdidos” exige do paisagista o pensamento sobre o projeto de paisagem. Sobre isso, Sá Carneiro (2017) reflete, a partir de Besse (2014):

O que é um pensamento do projeto de paisagem? Da relação entre os três aspectos, o paisagista sente o local como uma experiência e inventa a partir do existente, ou seja, imagina para experimentar em um primeiro momento. Para imaginar, ele constata e descreve então o projeto de paisagem, que seria, na verdade, criar algo que já estava ali, ou reinventar, ou representar o que **vai revelar o que já havia**. É, pode-se dizer, elaborar o que estava presente e não mais se via. Isso significa que o tornar visível supõe um pensamento latente que vai **dar um sentido a algo que já está ali** (p. 81, grifo nosso).

O exercício de paisagem do espaço público pulsante da Pracinha do Diário, deve, portanto, revelar as qualidades da Pracinha enquanto lugar acolhedor, que congrega as dinâmicas tradicionais do Recife.

Quanto ao traçado, a Pracinha também tem característica peculiar, ao ser denominada Praça quando sua configuração espacial até as reformas modernistas do séc. XX, podem nos fazer entendê-la como Largo. De acordo com Sá Carneiro e Mesquita (2000), a Praça é o espaço livre público que permite a convivência social oferecendo amenização urbana com cobertura vegetal, mobiliário de lazer e permanência e canteiros, sendo geralmente frutos de um desenho projetual. Os pátios, por sua vez, tratam-se de espaços livres públicos que se definem a partir de uma igreja ou outra edificação monumental, geralmente pavimentados que proporcionam grandes encontros sociais e culturais, além de estarem quase sempre delimitados por casarios. Já os largos se configuram como bolsões que valorizam ou complementam a edificação com a

qual se associam, podendo essa ser um mercado ou até mesmo uma igreja. A Praça, no tecido urbano, é um espaço livre de permanência ao longo da história das cidades, estando geralmente no protagonismo de importantes eventos históricos, como é o caso da Praça da Independência, objeto desse trabalho.

A conformação morfotipológica da Pracinha até a metade do século XIX se assemelhava mais a um Largo, de acordo com a definição de Sá Carneiro e Mesquita (2000), mas na cartografia, ela nunca recebeu essa denominação. Possivelmente isso se deve ao seu uso mais característico de Praça, uma vez que ela sempre foi enfrentada como coração da cidade em diversos momentos da história do Recife, dentre os quais podemos destacar: o período da ocupação holandesa, como Terreiro dos Coqueiros e o período das intervenções urbanísticas modernas, quando os urbanistas desenhavam os Planos para o Recife com a Pracinha como articuladora central. Assim, essa relação largo-praça deve ser considerada em intervenção, uma vez que hoje a Pracinha se associa com pelo menos duas edificações monumentais – o prédio do Diário e a Igreja de Santo Antônio – mas ao mesmo tempo, está inserida no meio de importantes vias de conexão, que não permitem sua delimitação completa por edificações como nos Largos, além dos usos diversificados e a presença de vegetação e mobiliário, mais próximos dos espaços públicos do tipo Praça.

4. A PRACINHA NA PAISAGEM DO RECIFE: DIRETRIZES PARA UMA REQUALIFICAÇÃO PAISAGÍSTICA

a. A articulação entre os usos

Como visto nos capítulos anteriores, ao longo da sua história, a Pracinha é um espaço marcado pela diversidade de usos. Sua área foi ponto de diversas manifestações culturais e sociais, principalmente nos séculos XIX e XX, sendo o lugar mais procurado para as atividades de lazer da população e para os eventos de massa de cunho político, além de sempre se configurar como ponto nodal de articulação dos principais eixos de locomoção, inclusive porque integrou o eixo o primeiro de penetração ao território – que vinha da ponte Maurício de Nassau, passando pela Rua 1º de Março até desembocar na Ponte da Boa Vista pela Rua Nova. Esses eixos foram se adequando às novas demandas de cada época – desde plano urbanístico de Post, em meados do século XVII, até a chegada, no séc. XX, do transporte, - coletivo, de bondes, no primeiro momento, e finalmente o aumento da circulação dos automóveis, dos ônibus, BRT's (Bus Rapid Transit), e motocicletas, no séc. XXI.

Além disso, a Pracinha também representa a tradição e a cultura do Recife, na medida em que se caracteriza pela presença dos comerciantes, de lojas e nas ruas – cuja atividade já apelidou a cidade de '*Cidade dos Mascates*', além das festividades sazonais, dentre elas o carnaval, as procissões das irmandades católicas e festejos das religiões de matriz africana. Em se tratando da sua materialidade, ela é, hoje, delimitada por edificações de diferentes estilos arquitetônicos e que foram construídas ao longo do tempo, representando as tendências da arquitetura (e urbanismo) que fizeram parte do crescimento da cidade. Diante da variedade dos usos da Pracinha enquanto espaço público, faz-se necessária sua sistematização ao longo do tempo (Tabela 2), para entender quais devem ser mantidos e quais deverão ser introduzidos para atendimento das atuais demandas da área.

Tabela 2: Leitura dos principais usos ao longo do tempo no espaço público da Pracinha do Diário

USO	AO LONGO DO TEMPO	ATUALIDADE
Comércio	<p>Praça do Mercado Grande (Séc. XVI e XVII)</p> <p>Lojas da feira de gêneros básicos e sobrados comerciais (Séc. XVIII)</p> <p>Comércio de plantas ornamentais na esquina da Rua Larga do Rosário (Séc. XIX)</p> <p>Área do comércio de artigos de luxo na Rua Nova (Séc. XX)</p> <p>Instalação dos quiosques fixos para comércio na Praça (Séc. XXI)</p>	<p>Comerciantes nos quiosques fixos e em bancas e carrinhos, venda de bolsas e mochilas, água de coco e lanches, acessórios para eletroeletrônicos, chaveiros. Sem sanitários nem ponto de apoio dos comerciantes para refeições e estoque</p>
Habitação	<p>Não identificado</p>	<p>Não há habitação no entorno imediato da Praça. Ocupação recente do Edf. Sulamérica pelo Movimento dos Sem Terra.</p>
Cultura	<p>Carnaval</p> <p>Conhecida como Quartel General do Frevo, local onde as agremiações desfilavam para avaliação de concurso (séc. XX)</p> <p>Populares fantasiados reunidos</p> <p>Festividades religiosas</p> <p>Os cortejos sagrados das Irmandades tinham itinerário na Praça</p> <p>Manifestações políticas</p> <p>Comícios políticos de grande porte na década de 1940</p> <p>Pintura das fachadas em verde e amarelo na ocasião das festividades da Independência do Brasil</p> <p>Nomes oficiais com referência aos momentos históricos políticos do país</p> <p>Manifestações sociais</p> <p>Aglomeração em frente aos jornais</p> <p>Paradas e desfiles em datas cívicas</p> <p>Execução de insurgentes na Praça da Polé (séc. XIX)</p>	<p>É itinerário dos desfiles carnavalescos do Galo da Madrugada e um dos pontos de concentração de manifestações populares da cidade</p>
Lazer	<p>Footings</p> <p>Confeitarias, sorveterias e cafeterias</p> <p>Cinema Pathé – o primeiro do Recife</p> <p>Bares e restaurantes nas marquises Av. Guararapes</p> <p>Dominó</p>	<p>O lazer fica restrito aos eventos sazonais promovidos pela Prefeitura através do Programa Recentro. Não há equipamentos de lazer na Pracinha, sendo o mais próximo o Pátio do Sebo, onde se encontram bares e restaurantes.</p>
Transporte coletivo	<p>Ponto de embarque e desembarque dos bondes</p>	<p>Parada na calçada do Edf. do Diário, sem abrigo adequado e com ônibus transitando em alta velocidade, oferecendo risco aos pedestres.</p>
Automóveis	<p>Trânsito pela Rua 1º de Março, Rua Nova, Av. Guararapes e Av. Dantas Barreto</p>	
Pedestres	<p>Escravos agueiros</p> <p>Pessoas a passeio</p> <p>Clientes do comércio</p> <p>Pessoas da elite e intelectuais</p> <p>Usuários dos bondes</p>	<p>Permanência dos pedestres em busca de sombra embaixo das árvores e fluxo intenso de pedestres que aguardam transporte público e que estão em compras na Rua Nova e Rua Duque de Caxias.</p>

Fonte: De autoria própria, 2022.

A espacialização dos usos, acima discriminados, para uma futura requalificação da Pracinha do Diário, está ilustrada na Figura 98, que demonstra o uso das edificações e o zoneamento proposto das funções, que estão descritas nos itens seguintes.

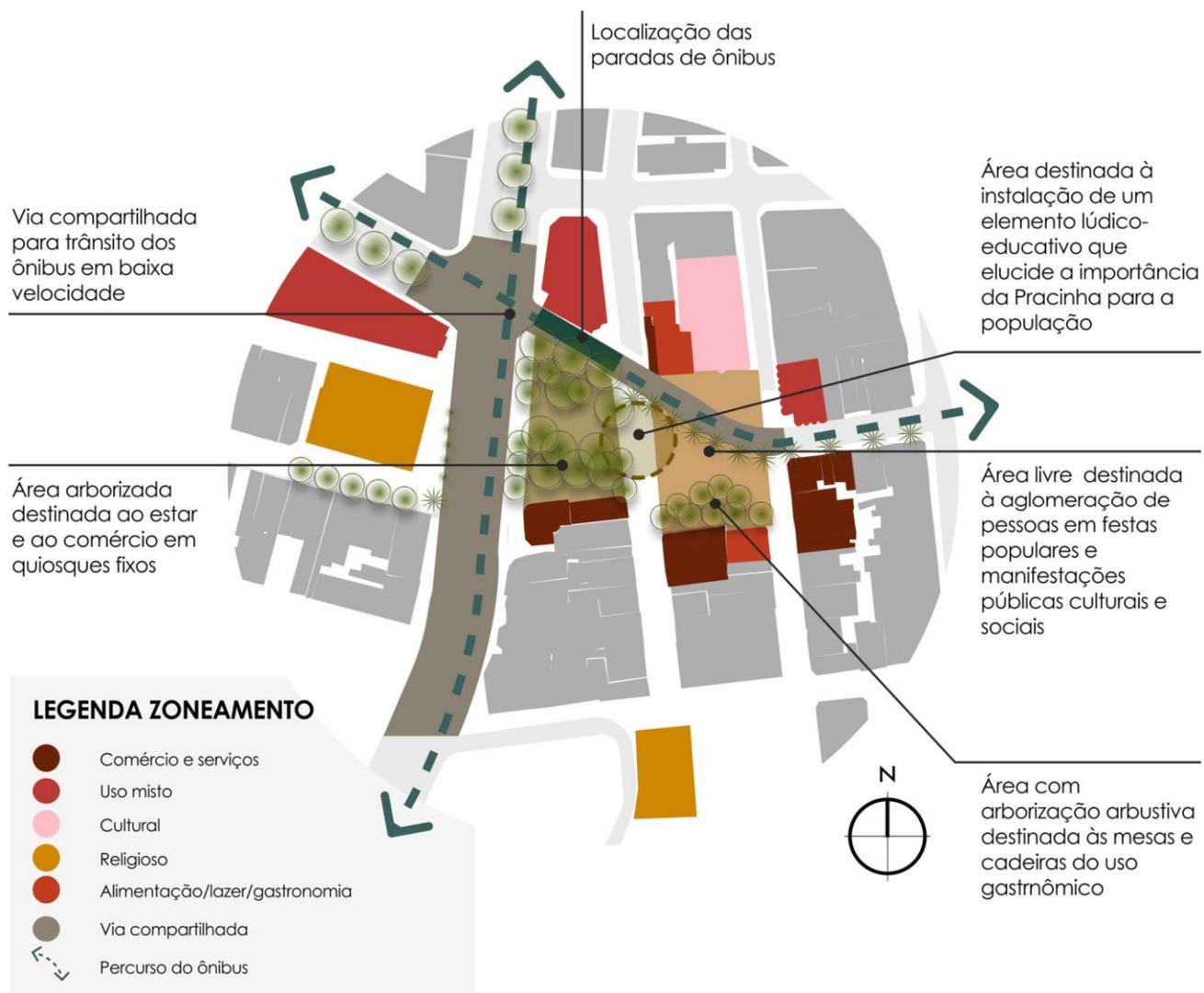


Figura 98: Diagrama do zoneamento proposto para requalificação da Pracinha. Fonte: De autoria própria, 2022.

COMÉRCIO

É necessário diversificar os usos das edificações limítrofes da Pracinha para articular de maneira mais eficaz seu funcionamento com o uso da Praça, principalmente fora do horário comercial e em horários de pico. Para isso, deve-se manter a atividade comercial dos edifícios da Rua Duque de Caxias, mas destinar atividades diferentes para as outras edificações. O número de quiosques fixos deve ser ampliado para alocação de mais comerciantes, visto que atualmente, existe maior número de vendedores sem ponto fixo comparado aos fixos. E novos quiosques já foram instalados espontaneamente, evidenciando a necessidade de demonstrar a força da Pracinha como ponto comercial. Também deve-se definir áreas em que vendedores ambulantes, com bancas ou carrinhos, possam se concentrar para evitar a localização desordenada, visto que esse tipo de atividade comercial é bastante comum no Recife e nem sempre esses vendedores se adaptam a pontos fixos de venda, estando onde seus clientes estiverem. Os pontos fixos e móveis devem ser padronizados, respeitando as características dos atuais (Figuras 99 e 100) quanto ao tamanho, mas readequando a forma à maneira de exposição dos produtos. Também é importante que o térreo de uma das edificações da Pracinha seja destinado à locação de um refeitório, com sanitários e boxes para estocagem dos produtos dos vendedores locados na Pracinha.



Figura 99: Quiosques fixos e barracas móveis, respectivamente. Fonte: De autoria própria, 2022



Figura 100: Exemplo de distribuição do comércio na Pracinha, em barracas móveis e quiosques fixos, respectivamente. Fonte: De autoria própria, 2022.



HABITAÇÃO

Os incentivos fiscais concedidos pela Prefeitura do Recife através do Programa Recentro deverão atrair o uso habitacional para o Bairro de Santo Antônio, e a Pracinha, pode comportar edificações de uso misto, sugeridas para os Edf. Sulacap e Seguradora, devido à proximidade com vias de menor fluxo, nas imediações, por onde poderá se localizar o acesso de veículos dos moradores. Em ambos, seria possível utilizar o térreo para comércio ou serviços e os demais pavimentos para habitação. A importância do uso habitacional no entorno se deve à necessidade de variação nos horários de uso, estimulando o uso noturno. Por sua vez, os moradores de edifícios localizados na Pracinha podem usufruir do espaço público para o lazer, além de atrair serviços de vizinhança, a exemplo de padarias, mercados e sorveterias no entorno.

CULTURA E LAZER

Devido ao protagonismo da Pracinha nas manifestações políticas e culturais, faz-se necessário destinar uma área livre e confortável para o uso transitório, na qual seja possível a aglomeração de pessoas para manifestações públicas, shows e eventos. No atual da Pracinha, essa área proposta está localizada em frente ao prédio do Diário (ilustrado na Figuras 101 e 102), resgatando sua porção retangular remanescente do século XX, até a construção da Av. Guararapes. Esse trecho deverá contar com balizadores para direcionar os ônibus, além de arborização cuja copa seja pouco densa, para proporcionar uma área de amenidade próxima ao Edf. Arranha-céu da Pracinha e ao Edf. Brasil para o uso estendido de bares e restaurantes,

permitindo a permeabilidade visual e proporcionando ao usuário a percepção de um espaço público aberto, característico de área cívica.



Figura 101: Tratamento de piso da esplanada cívica destinada à aglomeração de pessoas, em frente ao Edf. do Diário. Fonte: De autoria própria, 2022.



Figura 102: Planta Baixa das Diretrizes constantes no Apêndice B, com destaque para o tratamento de piso em frente ao Edf. do Diário. Fonte: De autoria própria, 2022.



LEGENDA

EDIFÍCIOS

- A - Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio
- B - Edifício Sulacap
- C - Edifício Seguradora
- D - Edifício-sede do Diário de Pernambuco
- E - Arranha-céu da Pracinha
- F - Edifício Brasilar
- G - Edifício Louvre
- H - Edifício Sulamérica

Um exemplo desse tratamento, que pode ser tomado como referência, é a proposta de Vignelli e Associados no Concurso Nacional para a Praça da Independência em Montevideo, Uruguai, no ano de 2011. Essa intervenção contempla múltiplos usos num mesmo espaço, além da intencionalidade de evocar a memória dos cidadãos através de um espaço público “central e simbólico [...] sua missão articuladora, integradora e condensadora de atividades urbanas e cívicas, liberando-se do marco arquitetônico circundante” (VIGNELLI&ASSOC, 2011), similar ao que se propõe como diretriz para a requalificação da Pracinha do Diário.

A proposta para Montevideu, de Vigliecca, busca os vestígios do passado articulando-os com os edifícios limítrofes através de uma esplanada (Figuras 103 e 104), na qual se utilizou a iluminação como estratégia para a criação de uma cenografia noturna que atrai o usuário para pontos estratégicos. Tomando essa intervenção como exemplo, indica-se a utilização de iluminação no piso da calçada do Edf. do Diário, intencionando a criação de uma ambiência que destaque esse edifício ao anoitecer.

Quanto ao uso cultural nas edificações, recomenda-se destinar o Edf. do Diário ao uso cultural, devido à importância do jornal e do Edifício para a cultura e para a história do Bairro de Santo Antônio na cidade. Nesse edifício de estilo eclético funcionariam atividades ligadas à museu, teatro, cinema, que poderão exibir conteúdo sobre a história do Recife e sobre educação patrimonial, valorizando a produção artística local. Nessa perspectiva, o prédio do Diário se tornaria um equipamento de cultura e lazer na área que atrairia turistas e cidadãos, corroborando com as atuais demandas de cunho turístico. Essas atividades remetem à sua função original de comunicação, agora voltada à disseminação da história da cidade, aproveitando a oportunidade do incentivo da gestão municipal em atividades desse tipo na área, através do Programa Recentro. Dessa forma, a Pracinha contará com equipamentos de lazer e cultura, gerando atrativo contínuo à população local e um novo ponto atração turística.

TRANSPORTE PÚBLICO, VEÍCULOS E PEDESTRES

Os pontos de parada dos bondes atraíam pessoas para a Pracinha no século XX, e atualmente, os ônibus continuam a reunir usuários que aguardam as diversas linhas que tem seus pontos na Rua 1º de Março. Esse uso, ao mesmo tempo que é uma potencialidade, se configura como um problema, devido à ausência de abrigo coberto, e à falta de regulação da velocidade dos



Figura 103: Dupla espacialidade, cenografia e articulação dos usos dos edifícios para a Praça Independência em Montevideu, por VIGLIECCA&ASSOC. Fonte: VIGLIECCA&ASSOC. Disponível em: <http://www.vigliecca.com.br/pt-BR/projects/independence-square>

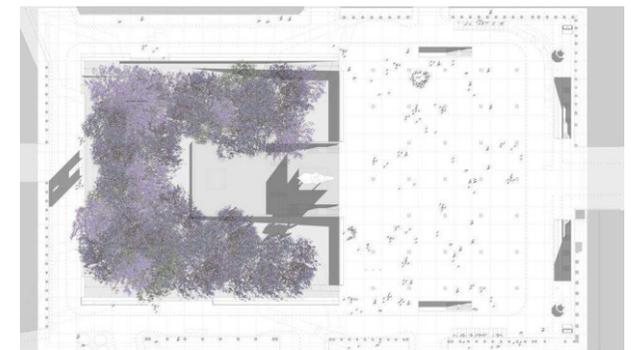


Figura 104: Planta baixa da proposta para a Praça Independência em Montevideu, por VIGLIECCA&ASSOC. Fonte: VIGLIECCA&ASSOC. Disponível em: <http://www.vigliecca.com.br/pt-BR/projects/independence-square>

ônibus, que transitam em alta velocidade, cruzando o caminho e oferecendo risco aos pedestres que seguem da Praça para a parada. Os automóveis particulares não transitam pela Praça. Como diretriz, recomenda-se o uso compartilhado, de modo que o fluxo de transporte público seja mantido, reduzindo a velocidade e mantendo a proibição de veículos particulares. Propõe-se a elevação da rua ao nível da calçada e compartilhamento da área de trânsito com delimitação através de balizadores (Figura 105), permitindo uma convivência amigável e segura entre o fluxo pedante e o de transporte público. Também se recomenda que as paradas de ônibus sejam relocadas (Figura 106) na direção do Edf. da Seguradora, deixando a frente do Edf. do Diário livre de interrupções.

Quanto aos pedestres, é recomendável que toda a área da Pracinha esteja elevada no mesmo nível, para permitir a caminhada plena e acessível, reforçando com marcação de piso e faixa livre de obstáculos (Figura 107) o fluxo pedante predominante historicamente, ou seja, o que conecta a Rua 1º de Março à Rua Nova, e garantindo permeabilidade e segurança na caminhada do pedestre que sai da Rua Duque de Caxias em direção ao Edf. do Diário.



Figura 105: Eixo dos ônibus compartilhado com pedestres. Fonte: De autoria própria, 2022



Figura 106: Paradas de ônibus, relocadas para próximo ao Edf. da Seguradora. Fonte: De autoria própria, 2022



Figura 107: Eixo caminhável da Rua 1º de Março à Rua Nova, vista da esquina da Av. Dantas Barreto. Fonte: De autoria própria, 2022.

b. Traçado

Como demonstrado no diagrama de Zoneamento, na Figura 98, os estudos de traçado para a requalificação da Pracinha contemplam a valorização do eixo que liga a Rua 1º de Março a Av. Guararapes, no qual se restringe o trânsito de ônibus em via compartilhada. Esse eixo anuncia a passagem do tempo ao longo da história, uma vez que se inicia onde estão as edificações mais antigas do bairro e desemboca no trecho cuja paisagem é marcada pelas edificações modernas. Além desse, outro eixo no qual recomenda-se compartilhamento de via é na Av. Dantas Barreto, que se inicia na esquina com a Av. Guararapes e termina pouco depois da Rua Nova, para garantir a travessia segura do pedestre que sai da Pracinha em direção à Rua Nova e à Igreja Matriz de Santo Antônio, que com a elevação do piso da Praça ao nível da sua calçada, recebe de volta um espaço público para ser desfrutado, como fora um dia a Praça Saldanha Marinho (Figura 108).

A Pracinha, cujo triângulo atual deverá ser incorporado ao quadrante defronte ao Edf. do Diário, contemplará duas áreas de caráter distinto, sendo o primeiro com arborização densa destinada aos usos permanentes do comércio fixo e de estar para os pedestres, além de bancos para contemplação da paisagem e mobiliário que permita receber os jogos de mesa, como dominó, uma atividade bastante comum de homens de meia-idade na Pracinha dos anos 2000, então desestimulada. Essa área arborizada corresponde ao trecho de quadra que foi demolido para abertura da Av. Dantas Barreto, e sua volumetria evoca a memória dessa quadra, provocando no pedestre a sensação de ver a Matriz de Santo Antônio ser descortinada pela copa das árvores (Figura 109), à medida que ele se aproxima, assim como era percebida das ruas estreitas até o início do século XX. A segunda área corresponde ao quadrante vazio em frente ao Edf. Diário,



Figura 108: EstudosTravessia compartilhada entre ônibus e pedestres em frente à Igreja Matriz de Santo Antônio. Fonte: De autoria própria, 2022.

destinada aos usos transitórios, permitindo a realização de eventos e manifestações, sem outro mobiliário urbano fixo além dos balizadores, da iluminação e da vegetação.



Figura 109: Igreja de Santo Antônio se revelando através das copas da arborização proposta. Fonte: De autoria própria, 2022.

Os dois trechos estão divididos por um eixo que conecta a Rua Larga do Rosário à Rua Eng. Ubaldo Gomes de Matos. Nesse eixo, que marca o centro do traçado, está hoje localizado o lago amebóide da Pracinha, que será perpetuado com a proposta de uma fonte seca, com esguichos de água no piso, junto dos quais pode-se instalar impressões metálicas com informações de cunho educativo, a exemplo de diversos nomes oficiais que a Pracinha já recebeu ao longo do tempo, e as respectivas datas (Figura 110). Esse tratamento elucida a Pracinha como ponto central da cidade, mantendo o elemento água, que já esteve presente na Polé e está presente hoje através do lago, introduzindo informações a respeito da história do lugar e possibilitando a apropriação da população tanto no que diz respeito ao conhecimento quanto à possibilidade de usufruir de um mobiliário lúdico e de baixa manutenção, a fonte no piso, que pode ser bastante vivenciada pelas crianças.



Figura 110: Exemplo de fonte seca para a Pracinha do Diário. Fonte: De autoria própria, 2022

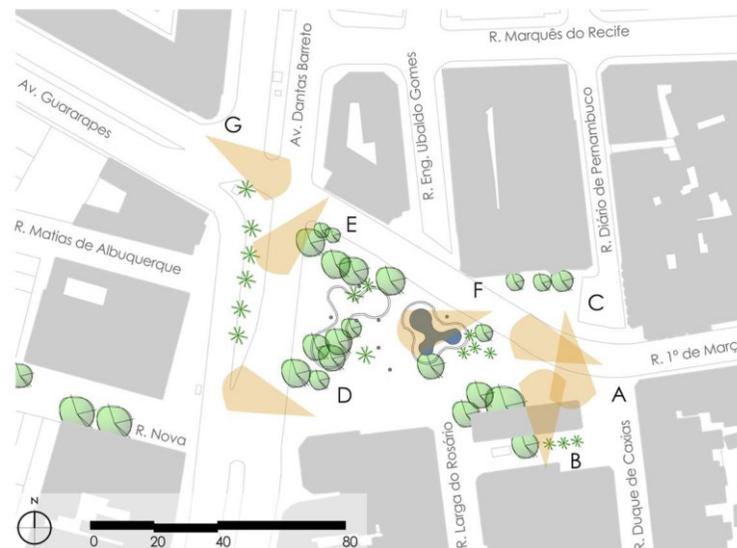
Um exemplo de intervenção que explora essa possibilidade de fazer a população conhecer a história do lugar através de sutis infraestruturas no espaço público é Iidabashi Plano, cujo projeto paisagístico é de Earthscape, de 2009, e está localizado em Tokyo, no Japão. Trata-se de uma Praça que articula os acessos de uma quadra com grandes edifícios de uso misto. Os paisagistas utilizaram-se de elementos que convidam o transeunte a experimentar a natureza e conhecer pouco mais da história do lugar, a exemplo da *Time Tree*, uma árvore de cânfora (*Cinnamomum camphora*), circundada por uma placa no piso onde foi impressa a linha do tempo de Tóquio e do bairro (Figura 111), contando sobre as antigas casas de samurais que havia ali no passado até os dias atuais.

Além desses elementos, sugere-se que um futuro projeto de requalificação, valorize os principais pontos de visada, marcados na Figura 112, que foram coletados nas visitas in loco a partir da apreensão da autora sobre o lugar, elencando as perspectivas que reunissem os principais elementos da paisagem da Pracinha do Diário.

Figura 111: Time Tree. Fonte: Tadamasa Iguchi. Disponível em: <https://landezine.com/iidabashi-plano-by-earthscape/>



Figura 112: Pontos potenciais de perspectivas da Pracinha do Diário. Fonte: De autoria própria, 2022.





A
Torres da Igreja pontuando a perspectiva de quem chega pela Rua 1º de Março



B
Potencial arquitetônico do Edifício do Diário de Pernambuco



E
Conexão da Pracinha com a Igreja e com os edifícios modernos



C
Comércio, edificações de diferentes épocas e calçada em mosaico de pedra portuguesa



G
Vegetação e edifícios da Pracinha visto sob as marquises da Av. Guararapes



F
Relação entre elementos naturais, arquitetônicos e as pessoas



D
Fachada da Igreja revelada pela vegetação e pelo percurso do pedestre na

Por fim, recomenda-se que para o dimensionamento dos eixos viários, compartilhados ou não, o tratamento das esquinas e posicionamento do mobiliário, observe-se as recomendações do Guia Global do Desenho de Ruas (2018), que traz soluções urbano-paisagísticas de referência (Figuras 113 a 116) para as vias urbanas mundiais, com a premissa de priorizar a segurança e a mobilidade dos usuários, alterando a lógica vigente de priorizar o trânsito veicular, com o objetivo de promover qualidade ambiental e de vida para os cidadãos.

Figura 113: Exemplos de tratamento do mobiliário adequado aos usos em vias. Fonte: (Guia Global de Desenho de Ruas, 2018, p. 80 - 81)

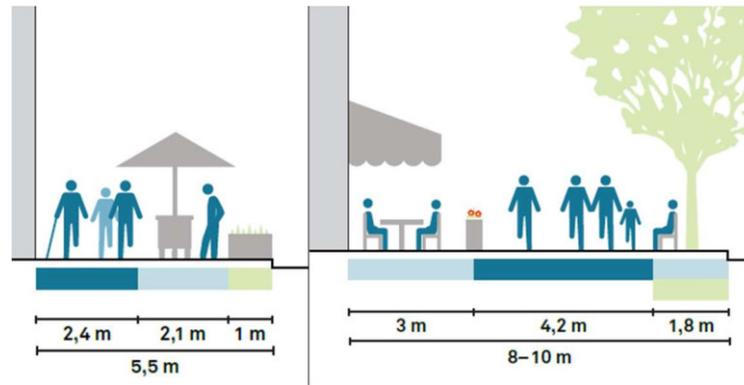


Figura 115: Tratamento de esquinas e travessias. Fonte: (Guia Global de Desenho de Ruas, 2018, p. 88 - 89)



Figura 114: Exemplo de Rua compartilhada. Fonte: (Guia Global de Desenho de Ruas, 2018, p. 65).

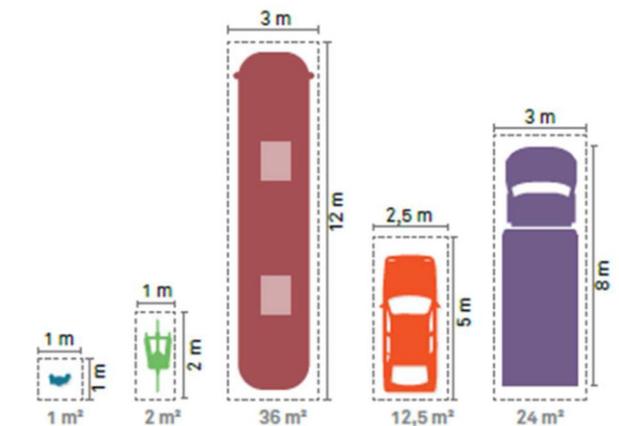


Figura 116: Módulos de referência para dimensão de vias. Fonte: (Guia Global de Desenho de Ruas, 2018, p. 70)

c. Vegetação

A introdução de arborização nos espaços públicos do Recife deve ser norteada pelas premissas previstas no Projeto Parque Capibaribe, que desde 2013, propõe a valorização dos corpos d'água da cidade, encarados como estruturadores de corredores ecológicos e ambientais, fazendo do espaço urbano um sistema de espaços livres. As estratégias para fazer do Recife uma "Cidade-Parque" estão sistematizadas no Plano Urbanístico de Recuperação Ambiental do Rio Capibaribe – PURA Capibaribe, que apresenta, após uma série de estudos, uma Paleta Vegetal de 194 espécies a serem consideradas nos projetos urbano-paisagísticos da cidade, atendendo aos seguintes critérios de adequação ao ambiente urbano (SILVA; MENESES; MOTA, 2021):

(i) capacidade de suportar ambientes urbanos; (ii) possuir elevado ou baixo Índice de Valor de Importância (IVI%); (iii) não possuir (v) potencial para redução da temperatura do microclima local e (vi) contemplar todos os níveis de grupo ecológico (SILVA; MENESES; MOTA, 2021, p. 290)

No que diz respeito à arborização existente da Pracinha do Diário, recomenda-se que as espécies de maior porte sejam mantidas. A introdução das novas árvores e palmeiras deverá observar as recomendações do PURA Capibaribe (UFPE/INCITI, 2020), os estudos de Liana Mesquita (1998) sobre a arborização das áreas tradicionais do Recife e a fitoassociação botânica - que diz respeito à convivência harmônica entre os indivíduos na natureza - entre essas e as espécies existentes. É nesse sentido que se desenvolvem alguns estudos da composição florística para a Pracinha, sugerindo-se algumas espécies arbóreas e palmeiras (Tabela 3), que estão especializadas e ilustradas na Figura 117, ao lado e abaixo:





Figura 117: Croquis da espacialização das espécies arbóreas considerando a cor da floração. Fonte: De autoria própria, 2022 e imagens de domínio público.

Tabela 3: Paleta Vegetal de arborização proposta para a Pracinha do Diário

ESPÉCIE	LOCALIZAÇÃO APROXIMADA	FUNÇÃO
A. Palmeira Imperial (<i>Roystonea oleracea</i>)	Eixo que liga a Rua 1º de Março à Av. Guararapes	Marcação de eixo em maior escala
B. Palmeira Jerivá (<i>Syagrus romanzoffiana</i>)	Eixo central do jardim e da fonte seca	Marcação de eixo em menor escala
C. Ipê Roxo (<i>Handroanthus impetiginosus</i>)	Em frente ao Arranha-céu da Pracinha	Sombra de menor porte
D. Sibipiruna (<i>Caesalpinia pluviosa</i>)	Áreas mais sombreadas	Amenização climática, acústica e ambiental
E. Mulungu (<i>Erythrina velutina</i>)	Na direção do Edf. Louvre, no jardim	Sombra e sensação visual
F. Amescla-de-cheiro (<i>Protium heptaphyllum</i>)	Próximo aos Chichá-fedorento, no jardim	Médio porte, sensação olfativa e visual
G. Ipê amarelo/Caráiba (<i>Tabebuia aurea</i>)	Em frente ao Arranha-céu da Pracinha,	Decídua de médio porte; permeabilidade visual
H. Ypê rosa (<i>Handroanthus heptaphyllus</i>)	Eixo central da fonte, ao lado da Av. Dantas Barreto	Marcação de esquinas de eixos

d. Materiais e mobiliário urbano

A requalificação paisagística deverá, preferencialmente, utilizar materiais de piso antiderrapantes (Figura 118), de coloração clara, de forma que absorvam pouca temperatura, além de porosos ou com tecnologia drenante, para garantir a permeabilidade da água na superfície do material. Além disso, os pisos também deverão suportar carga, devido ao trânsito de veículos e a possibilidade de montagem de estruturas para palco em algumas áreas, além do acabamento fosco que facilite a manutenção.

Nas calçadas da Igreja Matriz de Santo Antônio e do Edf. do Diário (Figura 119), recomenda-se a utilização de calçada de mosaico em pedra Miracema Branca com motivos pretos, cujo grafismo pode ser verificado em várias calçadas da cidade e é de autoria do arquiteto Geraldo Santana (Figura 120). É importante pontuar que o atual desenho dessas calçadas deve ser adequado ao conjunto dos novos pisos que vierem a ser implantados, admitindo a sua mudança, desde que o grafismo e os materiais sejam respeitados. A diferenciação das calçadas desses dois edifícios é interessante para reforçar a importância de ambos como marco da paisagem da



Figura 119: Exemplo do tratamento do piso existente e do novo piso em frente à igreja e ao Diário. Fonte: De autoria própria, 2022.



Figura 118: Exemplos de cores e texturas de blocos de concreto drenantes com cores suaves resistentes à abrasão e ao tráfego de veículos. Fonte: <http://braston.com.br>

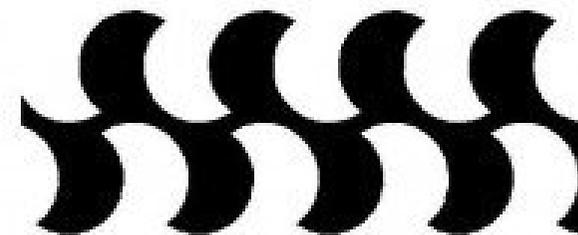


Figura 120: Grafismo de autoria de Geraldo Santana. Fonte: (CÓRDULA FILHO, 2002)

Pracinha. As diretrizes de traçado e materiais de piso para a Pracinha do Diário estão ilustradas na Figura 121.

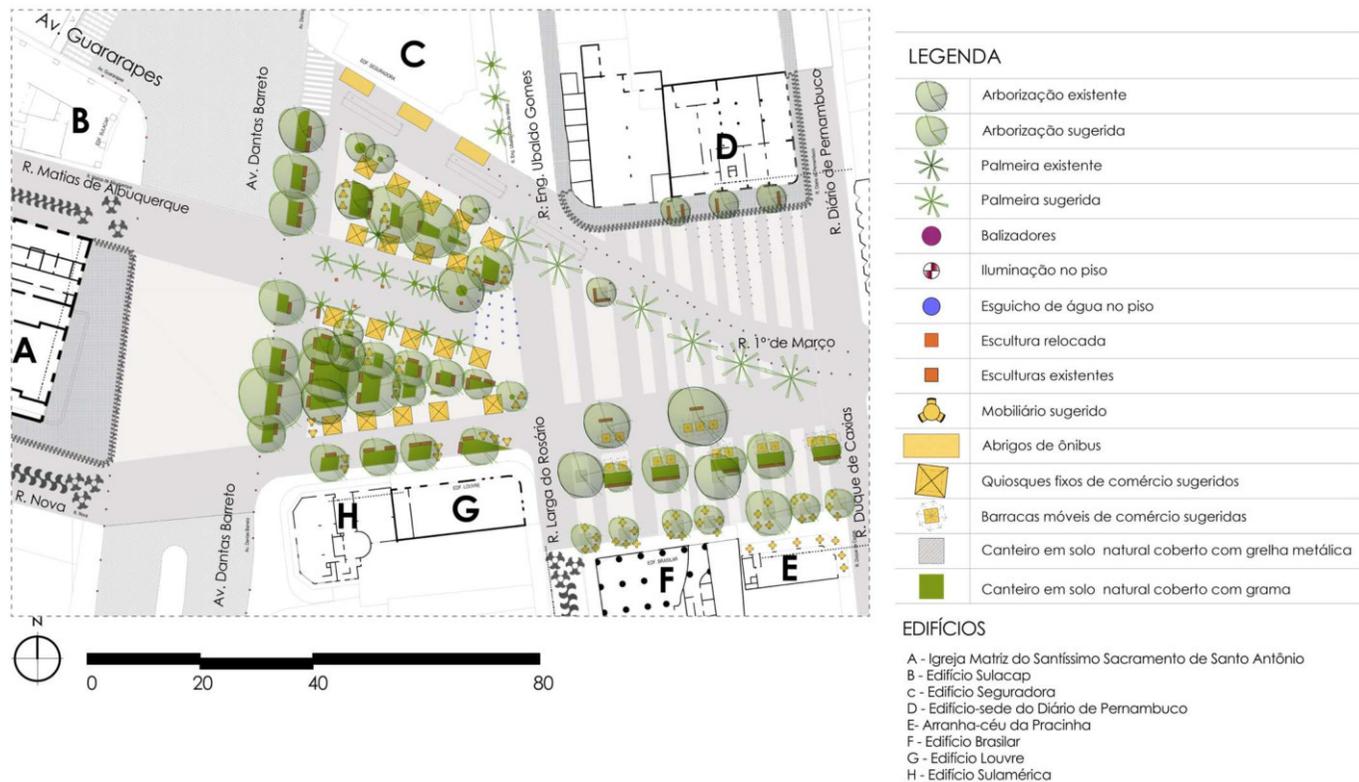


Figura 121: Planta Baixa das Diretrizes com proposição do traçado e pisos. Fonte: De autoria própria, 2022.

Quanto ao mobiliário, há necessidade da localização de lixeiras próximas aos pontos de comércio e de bancos em pontos estratégicos (Figura 122), que se voltem para as perspectivas a serem valorizadas. Os bancos devem ter sua base em concreto, garantindo durabilidade e evitando que sejam alvo de vandalismo e furto. Os assentos, por sua vez, devem ser de material que não esquite ao longo do dia, podendo ser utilizada a madeira envernizada nesse caso. Os bancos deverão contar ainda com encosto ou não, a depender de sua localização, estando os

de encosto preferencialmente nas áreas de longa permanência, e os sem encosto, nas áreas de curta permanência curta, por exemplo, ao longo de eixos de percurso.



Figura 122: Exemplo de disposição de mobiliário urbano na Pracinha do Diário. Fonte: De autoria própria, 2022.



Os aspectos considerados nesse capítulo tratam de diretrizes para requalificação paisagística da Pracinha do Diário – objetivo geral desse trabalho, considerando sua relevância na história do Recife e a necessidade atual de tratamento urbano que a represente como espaço público central da cidade com qualidade paisagística. A espacialização dessas diretrizes está representada em planta baixa, na escala de 1:250, constante no Apêndice B desse trabalho. Trata-se de uma sugestão no que diz respeito a localização e distribuição do mobiliário urbano, do desenho de piso e da vegetação, que também estão representados nas perspectivas das Figuras 123 a 126.



Figura 123: Perspectivas das diretrizes para uma requalificação da Pracinha do Diário. Fonte: De autoria própria., 2022.



Figura 124: Perspectiva das diretrizes para uma requalificação da Pracinha do Diário. Fonte: De autoria própria., 2022.



Figura 125: Perspectiva das diretrizes para uma requalificação da Pracinha do Diário. Fonte: De autoria própria, 2022.



Figura 126: Perspectiva das diretrizes para uma requalificação da Pracinha do Diário. Fonte: De autoria própria, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coleta, sistematização e análise das fontes primárias, ditas iconografia e cartografia analisadas, demonstrou a relevância dos espaços livres públicos como articuladores do traçado urbano, na medida em que foi a partir deles que foi possível entender como se deu o crescimento urbano do Recife. Isso também evidenciou a resiliência da Pracinha do Diário como dos primeiros e mais importantes espaços livres públicos da cidade. A leitura do protagonismo dos espaços públicos do Recife no cotidiano dos cidadãos e em algumas ações da gestão pública foi possível devido à pesquisa bibliográfica, que também demonstrou as consequências negativas, principalmente das intervenções modernistas do século XX, para o Bairro de Santo Antônio e para o entorno da Pracinha do Diário. Apesar dessas ações ao longo do tempo terem desencadeado na falta de um recinto que exalte sua importância, a Pracinha ainda pulsa e resiste em meio ao esvaziamento do Bairro de Santo Antônio. É nesse sentido que se tornou relevante o exercício de paisagem para a Pracinha do Diário, que revelou a história do Recife concedendo à mesma um caráter de espaço público acolhedor, que irradia sua força para todo o bairro, articulando os espaços livres do entorno. Aliás, haveria outros espaços livres públicos tão expressivos quanto a Pracinha?

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. A. D. **A articulação dos Espaços Públicos no Recife do século XIX**. Recife: Dissertação de Mestrado, 2001.
- ARCHDAILY. Inscrições abertas para o Concurso Porto Digital de Arquitetura para o Diário de Pernambuco. **Archdaily**, 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/796021/inscricoes-abertas-para-o-concurso-porto-digital-de-arquitetura-para-o-diario-de-pernambuco>.
- ARRAIS, R. **O Pântano e o riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas, 2004.
- BARROS, G.; DE ALBUQUERQUE, M. Z. A. O processo de modernização no Bairro de Santo Antônio na primeira metade do século XX: o caso da Praça da Independência. **Revista Mosaico-Revista de História**, 14, 2021. 119-139.
- BESSE, J.-M. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.
- CÂMARA, C. D. D. **Dos Martírios ao Paraíso**: Estratégias de Reabilitação Urbana para o Centro Histórico do Recife: repensando a Avenida Dantas Barreto. Recife: Trabalho de Conclusão de Curso, 2002.
- CÓRDULA FILHO, R. **Caminhos de pedra**: calçadas do Bairro do Recife. 2ª. ed. Recife: Prefeitura do Recife: Departamento de Preservação dos Sítios Históricos, 2002.
- COSTA, K. C. R. **O centro do Recife e suas formas comerciais**: transformações e persistências. Rio Claro: Tese de Doutorado do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, 2003.
- COSTA, L. S. **Espaço do Público? Práticas cotidianas nos espaços públicos do Recife**: 1920-1940. Recife: Tese de Doutorado do Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da UFPE, 2011.
- CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Tradução de Isabel Correia e Carlos de Macedo. 2ª. ed. Lisboa: Edições 70, 1983.
- DPPC. **Diagnóstico Propositivo para as Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Cultural - ZEPP**. Recife: Prefeitura do Recife, 2019.
- FREYRE, G. **As ruas principais de Santo Antônio**. 4ª. ed. Recife: Editora Rio de Janeiro, 1968.

- LOUREIRO, C.; AMORIM, L. O mascate, o bispo, o juiz e os outros: sobre a gênese morfológica do Recife. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, 3, 2000. 19-38.
- MENEZES, J. L. D. M. **Atlas histórico-cartográfico do Recife**. 2ª. ed. Recife: [s.n.], 2017.
- MESQUITA, L. D. B. Memória dos verdes urbanos do Recife. **Cadernos do Meio Ambiente do Recife**, Recife, 1, abr/jun 1998. 1-71.
- MOREIRA, F. D. **A construção de uma cidade moderna: Recife (1909 - 1926)**. Recife: Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano/UFPE, 1994.
- NATIONAL ASSOCIATION OF CITY TRANSPORTATION OFFICIALS (NACTO). **Guia Global de Desenho de Ruas**. 1ª. ed. São Paulo: Senac SP, 2018.
- OUTTES, J. **As ruas principais de Santo Antônio**. Recife: Editora Massangana, 1997.
- PANERAI, P. O retorno à cidade: o espaço público como desafio do projeto urbano. **Revista Projeto**, n. 173, p. 78-82, 1994.
- PARÁISO, R. **A velha Rua Nova e outras histórias**. Recife: Bagaço, 2002.
- PONTUAL, V. P. O urbanismo no Recife: entre idéias e representações. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n. n. 2, 31 Março 2000. p. 89-108. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2000n2p89>.
- PONTUAL, V. P. O urbanismo no Recife: entre idéias e representações. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, n. 2, 2000. 89-108.
- PONTUAL, V. P. Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas. **Revista Brasileira de História [online]**, São Paulo, v. 21, n. n. 42, 2001. pp. 417-434. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-018820010003>. Acesso em: 22 Fevereiro 2022.
- PORTZAMPARC, C. D.; MONGIN, O. **Vers la troisième ville?** [S.l.]: Hachette, 1995.
- REYNALDO, A. **As catedrais continuam brancas: planos e projetos do século XX para o centro do Recife**. Recife: CEPE, 2017.
- SÁ CARNEIRO, A. R. **Parque e Paisagem: um olhar sobre o Recife**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

SÁ CARNEIRO, A. R. Quinta Porta: o projeto do jardim como paisagem. In: VERAS, L. *et al.* **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo: Cidade-Paisagem**. Recife/ João Pessoa: CAU PE/ Patmos, 2017.

SÁ CARNEIRO, A. R.; MESQUITA, L. E. A. **Espaços Livres do Recife**. Recife: Laboratório da Paisagem, 2000.

SETTE, M. **Maxabombas e Maracatus**. 4ª. ed. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

SILVA, J. M. D.; MENESES, A. R. S. D.; MOTA, M. C. Entender a natureza para projetar: a Paleta Vegetal do Projeto Paisagístico do Parque Capibaribe. **Revista Brasileira de Geografia Física**, fevereiro 2021. 281-295. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgfe/article/view/249353>.

SILVA, L. D. **Arruando pelo Recife**: por ruas, pontes, praias e sítios históricos. Recife: SEBRAE/PE, 2000.

SOUSA, A. *et al.* **Guia do Recife**: arquitetura e paisagismo. Recife: [s.n.], 2004.

UFPE/INCITI. **Plano Urbanístico de Recuperação Ambiental do Rio Capibaribe**. Prefeitura da Cidade do Recife. Recife. 2020.

VIGLIECCA&ASSOC. Praça Independência. **Vigliecca e Associados**, 2011. Disponível em: <http://www.vigliecca.com.br/pt-BR/projects/independence-square>. Acesso em: Julho 2022.

ZANCHETI, S. M. O Recife do século XVIII como cidade barroca. **Anais do CECI**, Olinda, v.6, 2012.

APÊNDICE A – FONTES DAS ICONOGRAFIAS ORGANIZADAS NO ÁLBUM ICONOGRÁFICO DA PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA

FIGURA	FONTE
Figura 34	MORITZ, L. Rua Primeiro de Março . 1880 circa. 1 fotografia, monocromática, albumina/prata, i: 21,2 x 28,2 cm. Coleção Pedro Corrêa do Lago. Disponível em: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliانا/handle/20.500.12156.1/2648
Figura 35	MORITZ, L. Rua Nova (antiga Barão da Vitória e João Pessoa) . 1880 circa. 1 fotografia, monocromática, albumina/prata, i: 20,7 x 27,0 cm. Coleção Pedro Corrêa do Lago. Disponível em: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliانا/handle/20.500.12156.1/2655
Figura 36	TONDELLA, MANOEL. MT_000065 - Edifício Louvre . Recife, PE: 1905. 1 fotografia, p & b, papel, 13,0 x 18,0 cm. Coleção Manoel Tondella. Acervo Villa Digital/Fundaj. Disponível em: https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/base-da-villa-digital/iconografia/item/3276-mt-000065-edificio-louvre . Acesso em: 24 abr. 2022.
Figura 37	JB_000276 - PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA . 1903. 1 cartão postal, monocromática, 9,0 x 13,8 cm. Coleção Josebias Bandeira. Acervo Villa Digital/Fundaj. Disponível em: https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/1200-praca-da-independencia
Figura 38	PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA, CENTRO DO RECIFE. Recife, PE: 191? . 1 fotografia. Pernambuco Arcaico. Disponível em: https://www.facebook.com/PernambucoArcaico/photos/a.270572493063279/4632461883540963/ . Acesso em: 24 abr. 2022.
Figura 39	DIAS, BENÍCIO. BD_000290 - Praça da Independência . Recife, PE: 1910. 1 fotografia, p & b, papel, 8,4 x 22,9 cm. Coleção Benício Dias. Acervo Villa Digital/Fundaj. Disponível em: https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/base-da-villa-digital/iconografia/item/1239-praca-da-independencia . Acesso em: 24 abr. 2022.
Figura 40	Praça Saldanha Marinho, Praça Barão de Lucena/Pátio do Paraíso e Rua João do Rego, atualmente Av. Dantas Barreto . Recife, PE: 191?. 1 fotografia. Recife de Antigamente. Disponível em: https://www.facebook.com/recantigo/posts/2786081621532370/ Acesso em: 24 abr. 2022.
Figura 41	FELLOWS, G. S. Cidade do Recife: por ocasião das demolições e transformações . Recife, PE: 1911-1912. 1 foto, gelatina, p&b, 9,5 x 7 cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon855501/icon855501.jpg . Acesso em: 24 abr. 2022.
Figura 42	JB_001016 - Praça da Independência . Recife, PE: 1915. 1 cartão postal, monocromática. Coleção Josebias Bandeira. Acervo Villa Digital/Fundaj. Disponível em: https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/4830-jb-001016-praca-da-independencia . Acesso em: 24 abr. 2022.

- Figura 43 **JB_000950 - Rua Sigismundo Gonçalves.** Recife, PE: 1912. 1 cartão postal, 8,9 x 13,9 cm. Coleção Josebias Bandeira. Acervo Villa Digital/Fundaj. Disponível em: <https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/4763-jb-000950-rua-sigismundo-goncalves>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 44 **JB_000098 - Praça da Independência.** Recife, PE: 1916. 1 cartão postal, monocr. 8,8 x 13,7 cm. Coleção Josebias Bandeira. Acervo Villa Digital/Fundaj. Disponível em: <https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/630-praca-da-independencia>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 45 MORRISON, Allen. [28] Postcard. Recife, PE: 1915-1927. 1 cartão postal. The Tramways of Recife Pernambuco state Brazil, 2006. Disponível em: <http://www.tramz.com/br/re/re28.html>
-
- Figura 46 NOGUEIRA, Livraria. **JB_000866 - Praça da Independência.** Recife, PE: 1924. 1 cartão postal, policr. 8,9 x 14,0 cm. Coleção Josebias Bandeira. Acervo Villa Digital/Fundaj. Disponível em: <https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/4673-jb-000866-praca-da-independencia-e-rua-sigismundo-goncalves>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 47 **[S.n].** Recife, PE: 1917. 1 fotografia. Recife de Antigamente. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/photos/pcb.3450699035070622/3450698568404002/>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 48 **JB_000632 - Praça da Independência.** Recife, PE: 192s. 1 cartão postal, policr. 8,6 x 13,6 cm. Coleção Josebias Bandeira. Acervo Villa Digital/Fundaj. Disponível em: <https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/4377-praca-da-independencia>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 49 RECIFE, A Nova Magnolia. **JB_000025 - Praça da Independência.** Recife, PE: 1926. 1 cartão postal, policr. 9,0 x 13,9 cm. Coleção Josebias Bandeira. Acervo Villa Digital/Fundaj. Disponível em: <https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/411-praca-da-independencia>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 50 **Bonde de Olinda, 1a e 2a classe, na Rua Sigismundo Gonçalves/Crespo (Atual Praça da Independência, esquina da Av. Dantas Barreto com Rua Nova).** Recife, PE: 1930. 1 fotografia. Recife de Antigamente. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1450291461778066/3342959009177959/>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 51 Arquivo Nacional (BRASIL). **Pátio do Paraíso.** Recife, PE: 1930. Fundo Correio da Manhã: BR_RJANRIO_PH_0_FOT_05742_0002. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_PH/0/FOT/05742/BR_RJANRIO_PH_0_FOT_05742_d0002de0070.pdf
-
- Figura 52 **Edifício Sul América.** Recife, PE: 193s. 1 fotografia. Pernambuco Arcaico. Disponível em: <https://m.facebook.com/PernambucoArcaico/photos/a.270572493063279/3525594864227676/?type=3>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 53 GRANVILLE, Ivan. **O Arranha-céu da Pracinha do Diário.** Recife, PE: 1930. 1 fotografia. Recife de Antigamente. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/posts/2174415939365611/>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-

Figura 54 **Praça da Independência, Diário de Pernambuco, Rua Primeiro de Março.** Recife, PE: 194s. 1 fotografia. Pernambuco Arcaico. Disponível em: <https://www.facebook.com/PernambucoArcaico/photos/a.270572493063279/4463672880419865/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

Figura 55 **Praça da Independência.** Recife, PE: 194s. 1 fotografia. Pernambuco Arcaico. Disponível em: <https://www.facebook.com/PernambucoArcaico/photos/5099015170218963>. Acesso em: 24 abr. 2022.

Figura 56 **Praça da Independência.** Recife, PE: 194s. 1 fotografia. Tok de história. Disponível em: <https://tokdehistoria.com.br/2013/06/07/minha-homenagem-a-recife-e-olinda/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

Figura 57 **Praça da Independência.** Recife, PE: 194s. Cartão postal. P&b, papel, 13,9 x 8,8 cm. Fundaj - Cehibra. Disponível em: http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=204. Acesso em 23. abr. 2022.

Figura 58 **Desfile na Praça da Intendência.** Recife, PE: 194s. Cartão postal. Harpya Leilões. Disponível em: <https://www.harpyaleiloes.com.br/peca.asp?ID=512494>. Acesso em 23. abr. 2022.

Figura 59 BERZIN, Alexandre. **Praça da Independência**, 1943. Fonte: Relatório Seis Anos da Administração Municipal (1937-1943) - Administração do Prefeito Antonio Novais Filho, Acervo Fundaj

Figura 60 DIAS, BENICIO WHATLEY. **Demolição de sobrado à Rua Saldanha Marinho**, 1940. Fonte: GUIMARAENS, Cêça. O fotógrafo Benício Whatley Dias. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019.

Figura 61 DIAS, BENICIO WHATLEY. **Pátio do Paraíso**, 1942. Fonte: GUIMARAENS, Cêça. O fotógrafo Benício Whatley Dias. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019.

Figura 62 **Demolição do quarteirão que deu origem à atual Praça da Independência.** Recife, PE: 1945. 1 fotografia. Recife de Antigamente/Fundaj. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1450291461778066/3342961082511085/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

Figura 63 **Demolição do quarteirão que deu origem à atual Praça da Independência.** Recife, PE: 1945. 1 fotografia. Recife de Antigamente/Fundaj. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1450291461778066/3342961445844382/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

Figura 64 DIAS, BENICIO WHATLEY. **Praça da Independência e Edif. Sulamérica**, 1945. Fonte: GUIMARAENS, Cêça. O fotógrafo Benício Whatley Dias. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019.

Figura 65 DIAS, BENICIO WHATLEY. **Praça da Independência e Edif. Sulamérica**, 1945. Fonte: GUIMARAENS, Cêça. O fotógrafo Benício Whatley Dias. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019.

Figura 66 DIAS, BENICIO WHATLEY. **Rua das Trincheiras, torres da Igreja Matriz de Santo Antonio e coroamento do edifício Sulacap**, 1946. Fonte: GUIMARAENS, Cêça. O fotógrafo Benício Whatley Dias. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019.

Figura 67 DIAS, BENICIO WHATLEY. **Praça da Independência, Pátio do Paraíso e cúpula do Palácio da Justiça do Estado de Pernambuco**, 1946. Fonte: GUIMARAENS, Cêça. O fotógrafo Benício Whatley Dias. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019.

- Figura 68 JABLONSKY, TIBOR Rua **Igreja Matriz de Santo Antônio no Recife (PE)**. Recife, PE: 1957. 1 fot. : neg., p&b. Série Acervo dos trabalhos geográficos de campo. Acervo da Biblioteca do IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=411474>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 69 **Igreja Matriz de Santo Antônio no Recife (PE)**. Recife, PE: 195?. 1 fot. Recife de Antigamente. Disponível em: <https://sanctuararia.art/2016/03/02/matriz-do-santissimo-sacramento-e-santo-antonio-recife-pe/>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 70 **Igreja Matriz de Santo Antônio**. Recife, PE: 1957. 1 fotografia. Classical Buses - Ônibus e paisagens urbanas. Acervo do membro Edwaldo do Portal Skyscrapercity. Disponível em: <http://classicalbuses.blogspot.com/2014/03/recife-em-1957.html>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 71 **Demolição do quarteirão que deu origem à atual Praça da Independência**. Recife, PE: 1945. 1 fotografia. Recife de Antigamente/Fundaj. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1450291461778066/3342961082511085/>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 72 SORENSEN, Clarence W. **Praça da Independência**. Recife, PE: 196s. 1 fotografia. Recife de Antigamente/Fundaj. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192/2167959120011293/>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 73 **Praça da Independência**. Recife, PE: 196s. 1 fot. : p&b. Coleção dos municípios brasileiros. Acervo Villa Digital/Fundaj. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=440319>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 74 **Praça da Independência**. Recife, PE: 196s. 1 fot. : p&b. Coleção dos municípios brasileiros. Acervo Villa Digital/Fundaj. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=440547>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 75 BERZIN, Alexandre. **Praça da Independência**. Recife, PE: 196s. 1 fot. : p&b. No Intervalo. Disponível em: <https://nointervalo.com/2012/07/05/obra-do-fotografo-alexandre-berzin-e-organizada-em-livro/>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 76 LACERDA, Alcir. **Cruzamento da Av. Dantas Barreto com Rua Nova à direita que ainda era aberta para o tráfego de veículos**. Recife, PE: 1973. 1 fotografia. Recife de Antigamente/Fundaj. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgjmV6juqgS/>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 77 **Praça da Independência**. Recife, PE: 197s. 1 fotografia. Recife de Antigamente/Fundaj. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/posts/2170762939730911/>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-
- Figura 78 **Em fase acelerada as obras do jardim da Pracinha do Diário**. Recife, PE: 1974. 1 fotografia. Arquivo/DP/D.A Press. Disponível em: <https://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2015/06/19/a-praca-da-tortura-no-recife-colonial/>. Acesso em: 24 abr. 2022.
-

Figura 79 **Praça da Independência, conhecida como Pracinha do Diário.** Recife, PE: 1974. 1 fotografia. Arquivo/DP/D.A Press. Disponível em: <https://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2015/06/19/a-praca-da-tortura-no-recife-colonial/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

Figura 80 **Praça Independência. Recife, PE - Brasil. MBC.** Recife, PE: 198s. 1 fotografia. Catálogo das Artes. Disponível em: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DGeDtAGe/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

Figura 81 ENSILIEEN, Henriksen. **Praça da Independência ao Fundo a Matriz do Santíssimo sacramento de Santo Antônio.** Recife, PE: 1980. 1 fotografia. Pernambuco Arcaico. Disponível em: <https://www.facebook.com/PernambucoArcaico/photos/a.270572493063279/4381448771975610/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

Figura 82 **Praça da Independência - Diário - Praça.** Recife, PE: 200?. 1 fotografia. Acervo da Unidade de Licenciamento em Zonas Especiais - ULZE/SELIC/SEPUL/PCRua Acesso em: dez. 2021.



LEGENDA

- Arborização existente
- Arborização sugerida
- Palmeira existente
- Palmeira sugerida
- Bolaçadores
- Iluminação no piso
- Estuque de água no piso
- Esculturas relocadas
- Esculturas existentes
- Mobiliária sugerida
- Abrigos de ônibus
- Quiosques fixos de comércio sugeridos
- Barracas móveis de comércio sugeridas
- Canteiro em solo natural coberto com grelha metálica
- Canteiro em solo natural coberto com grama